

Secretaria de Governo

1851

Relatórios dos Presídios Santa Isabel,
Leopoldina, da Piedade, aldeia de
São Joaquim e Jamimbu

Salvo da documentação encadernada
Nº 0297.

Cópia - Ill^{mo} e Ex^{mo} Sr. - Venho hoje apresentar a V. Ex^{ta} o relatório dos trabalhos da Comissão, de que me recolhi no dia 6 de Janeiro findo, na qual tive por norma de conduta as instruções de 4 de Agosto do ano próximo pasado. Depois de uma ausencia de cinco meses, sem que pudesse satisfazer a todos os artigos das sobreditas instruções, sinto vivamente a necessidade de prevalecer-me da oportunidade para com franqueza e lealdade propor desde já a V. Ex^{ta} tudo quanto se deve praticar afim de que se possa em diligências semelhantes marchar sem tropeços dando plena e satisfatória execução ás ordens do Governo. Ordenou-me V. Ex^{ta}, que meu primeiro trabalho fosse o exame e designação da melhor localidade para transferência do Presidio de Santa Isabel.

Fui entretanto obrigado a começar pela demarcação das terras do Presidio de Leopoldina, por quanto achando-se o Rio Vermelho em extrema baixa, e impedindo a cada passo a marcha do bote, que me era indispensavel nas aguas do Araguaia, entendi que podia aproveitar o tempo de demora do bote, no servico em que era indispensavel minha presença. Transferido o Presidio Santa Isabel devia continuar no reconhecimento, e exploração do Araguaia até a cachoeira grande. Porém no dia 7 de Novembro o rio estava consideravelmente cheio, as chuvas eram cōti-

dianas desde 20 de Outubro, e não me achava quite desse importante dever de cuja execução dependia em grande parte o futuro da povoação. Todos estes obstáculos se não terião dado si eu tivesse partido da Capital nos primeiros dias de Maio época em que os dois mais interessantes afluentes do Araguaia, os rios Vermelho e do Peixe dão ainda navegação a botes dos portos do travessão e do Araial de Santa Rita para baixo. Porém a esse tempo ainda não havia, como V. Ex^a sabe, os vapores necessarios que foram construidos sob minha direcção, tanto os de meu transporte como todos os outros de que o Ex^{mo} Governo precisava.

Escolha de localidade para o Presidio de Santa Isabel.

Compenetrado da importancia inherente á escolha da localidade para o Presidio de Santa Isabel, parti do Presidio Leopoldina a 19 de Outubro com a vantagem de levar em minha companhia o Comandante nomeado para ir substituir o que ali se achava, desde Agosto ultimo. Era um voto e uma testemunha de minha prudencia nesta materia. Até a barra do rio Crisais, que fica oito leguas acima da ponta de Sul da Ilha do Bananal, marchei com rapidez mas sempre com sol fora. Láhi para diante sendo quase sem-

pre o terreno da margem direita menos baixo do que aquele que fica entre o presidio Leopoldina e o Porto da Piedade achando-nos mais perto do ponto, em que o Governo estimaria de preferencia que se fundasse o Presidio, marchamos vagarosamente. A cada passo lia a meu companheiro de viagem os apontamentos diarios da descida e da subida do ano passado por esta região, a fim de convence-lo da semelhanca do original com a pintura. Assim procedi até chegar-mos ao lugar em que se achava o destacamento. Vi pela terceira vez estes terrenos: os lugares em que parece que se hão de encontrar proporções com pequeno exame se reconhece que não as tem; eles não enganão um só momento a quem os vê, como acabo de vê-los em dias invernosos e com o rio cheio. Era portanto necessario descer, e por outros motivos acelerar a remoção da guarnição que se estava extinguindo num foco de intermitentes perniciosas. Previa d'este muito tempo a possibilidade de abreviar os trabalhos da remoção do material, e do pessoal do Presidio, levando tudo em minha companhia em vez de descer só para escolha da localidade, fazer depois aviso ao Comandante para que se mudasse, fornecendo-lhe os vãos de meu transporte, conforme a letra das instrucões de V. Ex.^a Minha expectativa porém foi excedida

pela realidade presente e quase testemunha da entrega do Comando, tive ocasião de reconhecer que o presidio se achava no mais deploravel estado, perfeitamente burlados os esforços do Governo, iludidas todas as ordens. Guarnição nua, desarmada e faminta; homens e mulheres anci (pg 3.) anciosos por se recolherem; vinte e uma praças em vez de quarenta; tristeza e desacorumento em vez de animação e desejos de se estabelecerem no Araguaia; tal era o estado do pessoal. O material se achava reduzido de um modo que me surpreende, e que não posso explicar. Para o serviço das roças havia apenas 6 enchadas, quando em 1850 deixei doze, seis foices, quando deixei 18; e finalmente um só machado, quando deixei 20! Não havia em arrecadação além de 89 cartuchos de polvora já deteriorados, uma oitava de polvora, uma perdineira de espingarda.

A vista disto reconheci que juntando as embarcações, que levei, as que existia no Presidio, era possível numa só viagem conduzir-se todo o pessoal, e todo material, sem se deixar um objeto do valor de 20rs. Em quanto se passou o comando com a demora proveniente da falta de bom escrevente, fiz consertar-se uma igarité da Nação, que achei ala

gada, e declarada por inservivel.

No dia 31 de Outubro ficou tudo embarcado, e no dia 1º de Novembro começamos a viajar ás 7 horas da manhã.

Já em pescarias e caçadas vários soldados havião descido um dia inteiro, se terem achado lugar arado para povoação. Os poucos que restãem da primeira guarnição asseverarãõ, que na distancia de 6 a 8 leguas era inútil procurar terras altas e habitaveis. A uma vez referião que viera ao Presídio um Capitão Barajá de nome José, que dera informações lisongeiros sobre os terrenos vizinhos de sua Aldeia: Descemos no dia 1º cerca de quatro léguas e meia; não vimos se não terras alagadiças ou sujeitas ás inundações nas medias aguas. Ficarão-nos a esquerda as Aldeias dos Capitães Antonio e João Leite Velho, ex-moradores na Lana Brava. Estarãõ estabelecidos, como é de costume até que cheguem as grandes cheias, em vastas praias com diminutas rocas começadas em pequenos capões da margem esquerda, mato insufficiente para um lavrador ordinario de poucas forças. Não pude viajar além das quatro horas da tarde, retido por violenta tempestade.

No dia 2 de Novembro marchei vagarosamente até a aldeia do Capitão João Leite moço, onde como (pg 4) nas antecedentes pouco me demorei e prosigui

mais um quarto de legua, até a barra do rio das Mortes. Neste lugar dei ordem para tomar-se pouso, e subi escoteiramente para reconhecer se estava com efeito na barra de algum confluente do Araguaia, ou apenas na boca de algum lago, como já me havia asseverado um soldado em 1850 dizendo-me que o Rio das Mortes não cahia no braço grande mas muito abaixo da ponta septentrional da Ilha do Bananal. Subi durante uma hora, encontrei um grande lago à esquerda, rio menor, lago porem mais profundo e mais veloz que o braço da sobre dita Ilha do Bananal.

Nas terras que me ficarão à esquerda unicas que no primeiro quarto de legua tem alguma altura acima das medias aguas, e que são consistentes não achei suficiencia para assentamento do Presidio.

O terreno que me ficou a direita não me parecia ser à margem esquerda do rio das Mortes, parecia-me antes uma ilha, porem não se avistava a ponta superior d'essa ilha, nem o outro braço que devia concorrer para sua formação.

Retrocedi ao anoitecer e no dia 3 parti logo que amanheceu. Um quarto de legua abaixo do pouso encontrei outro rio, tão profundo e tão veloz, como o antecedente, porem 5 braças mais largo. Compreendi então que me achava na confluencia do braço esquerdo do rio das Mortes, cuyas aguas neste caso somadas com as

braço superior constituem um rio tão possante, como o braço esquerdo da ilha do Bananal. Subi pelo braço inferior durante duas horas à ver se descobria a ponta superior da ilha, mas regresssei sem vê-la e sem me admirar de seu comprimento a vista do da grande ilha que estava vendo à tantos dias. Além do que nada é mais natural que a formação de uma grande ilha na confluencia de dois rios largos e pouco velozes. Durante o tempo que me ocupei neste reconhecimento em que tive ainda em vistas o verde alvo do rio as terras que me ficavão a direita, e que nutria a esperança de achar boas, porque em todas as confluencias tenho visto terras mais altas nos angulos obtusos, que n'outras (pg 5 :) paragens; partirão duas escoltas com as necessarias instruções, para examina-rem os terrenos pelo interior do angulo d'onde parti. Acharão-se somente brejos, campos alagadico, e a vegetação correspondente. Deixei este lugar, e marchei 5 quartos de legua até à Aldeia do Capitão Jose, situada n'uma praia contigua à margem esquerda de frente d'uma barreira de linda pastagem na ilha do Bananal. Fui recebido na Aldeia do modo o mais cordial que se pode imaginar, e tive a fortuna de achar aí um Carajá d'outra Aldeia, que já me conhecia e que fala sofrivelmente o portuguez, e que se prestou de bom

grado à servir-me de interprete, de que tinha absoluta falta.

Distribuí alguns brindes com mais largueza do que o havia feito nas Aldeias antecedentes, fiz embarcar no meu bote, o Carajá, que acode com prazer pelo nome de Sargento; e despedi-me do Capitão José fazendo-lhe constar que ia examinar as terras proximas, e as da ilha de que o Sargento me dava noticias.

O Capitão José respondeu-me que me acompanhava, com efeito esteve comigo sempre desarmado, alegre e risonho até as 10 horas da noite, mostrando-me empenho por que ficasse o Presidio perto de sua Aldeia. A um quarto de legua da Aldeia mandei dar-se fundo na margem esquerda onde achei terreno de 6 braças, oito e dez acima do nivel do rio. Quando ganhámos o alto, sentimos todos a mais viva alegria, por nos acharmos em lugar tão elevado na beira do Araguaia, gozando da mais bela vista e paisagem. Avistavamos ao longe, do lado do nascente matos altos na ilha, que nosso habito do sertão fazia calcular a menos de uma legua de distancia. O Sargento confirmava nossas suposições e prometia ir mostra-los pelo melhor caminho. Avistava-mos para o poente terreno alto, e o morro que viramos no dia antecedente. O Capitão José nos assegurava que ahí estavam suas roças que existia muito mato, e agua corrente.

Os Índios que nos acompanharão, corrião pelo campo a procura de mangabas, e de ananazes que me trazião, e com isto procurarãõ a porfia obsequiar-me.

Assim se passou a tarde do dia 3. A' noite os Carajás do Capitão José dançarão a meu pedido e só nos deixarão pelas 10 horas.

Empreguei os dias 4 e 5 até 3 horas da tarde em fazer (pg 6.) examinar as matas da ilha, e da margem esquerda em resultado deliberei que se estabelecesse o Presidio na margem esquerda, e as roças parte n'este lado, parte na ilha segundo a natureza dos terrenos, e das especies cultivaveis.

Entendendo porem que era muito conveniente convencer aos colonos de que a localidade era a melhor que se podia encontrar tão perto da ponta superior da ilha do Bananal, propuz ao Comandante do Presidio descermos o resto do dia 5 e todo dia 6 para nos desenganar-mos, ou para escolher-mos se houvesse onde escolher.

Descemos com efeito até uma Aldeia, que fica debaixo do travessão sem perigo que existe no rio e voltamos depois de ter visto reproduzidas as cenas do dia 1º e 2º do mez.

Na volta gastamos o dia 7 e 8 e parte do dia 9 por ter enchido o rio.

No mesmo dia 9 deu-se começo a construção de ligeiras arranchações. Nos dias 10 até 15 prosseguiu com atividade este ser-

vício, e ao mesmo tempo o preparo de terras para arroz, a plantação de cana, bananeiras, e de rama de mandioca, que obtive por trocas com Índios da Aldeia do Capitão Mariano, à que pertence o Cargento. Ficarão concluídas duas casas de palha; uma espaçosa para residência do Comandante com grande sala para arrecadação; e outra pequena para a ferraria.

Todos os moradores ficarão em pequenas palhoças abrigados do sol e da chuva, mas não arranchados como é necessário.

Marquei o alinhamento em que devem ser feitas as casas dos Soldados a do rancho e a dos presos. Dei ao Comandante alguns brindes para os índios, que com a notícia de minha presença estarão afluindo até das Aldeias remotas. Furneci-lhe algumas peças de ferramenta de roca de que tinha poucas; furneci-lhe também pólvora e chumbo de caçar, de que tinha absoluta falta.

Escrevi-lhe um ofício, em que lhe recomendei a cultura em grande de todas as espécies que o terreno permitir, a manutenção da boa harmonia em que o deixei com os Índios principalmente das duas Aldeias vizinhas, e o reconhecimento completo do terreno, a fim de que se possa na demarcação que deve ter lugar; compreender a maior soma possível de (pg 7 .) terreno aproveitável, junto a cópia deste ofício

Isto feito regresssei ao Presidio de Santa Izabel no dia 15 de Novembro. Não prossegui na exploração do Araguaia porque estando o rio cheio e não sendo possível n'esse estado reconhecer e examinar as cachoeiras, não colheria outro resultado si não tirar a planta, mais seria preciso lutar na volta com as enchentes n'um curso longo por sertão sem recursos, como adiante melhor explicarei. Desejei me demorar no Presidio, porém os viveres que me restavão erão exatamente o indispensavel para o gasto até a primeira povoação regressando ao tempo que visitas frequentes de Indios até de Aldeias remotas me obrigavão a uma despesa diaria ora dupla, ora tripla da que anteriormente fazia. Poderia ferrar-me à essa despesa, ou não satisfazendo aos Indios, ou fazendo-a pesar sobre a municião do Presidio. Ambos estes expedientes me parecerão inconvenientes e até perigosos. Assim pois não despendeu o Presidio mantimento algum com os Indios, enquanto estive presente.

Lembrei-me de officiar a V. Ex^a expondo o estado do Presidio, a conveniencia de minha presença ahí, e a necessidade de serem emprendidas e executadas sob minhas vistas e direcção as construções mais urgentes. Porém para bom andamento dos trabalhos era preciso pedir tudo a Capital e neste caso fica-

ria talvez durante 50 dias na mais completa inação e na precisão de procurar socorros de viveres em Jamimbu. Deliberei portanto regressar d'ali e vir a Capital expor a V. Ex^{ca} tudo quanto me parecia acertado fazer-se e esperar suas ordens. Além disto nas instruções de 4 de Agosto V. Ex^{ca} ordenou-me que no meu regresso examinasse o Posto da Piedade e os lugares adjacentes, afim de reconhecer se tem proporções para o estabelecimento de uma povoação; ordenou-me outro sim que procurasse descobrir a picada, de cuja abertura foi encarregado o Tenente Coronel José Antonio Ramos Jubé. Aguardando minhas informações o Governo adiará provavelmente algumas medidas. Cumprira-me pois não demorar-me na satisfação d'este dever.

Se pelo lado do material deixei o Presidio de Santa Izabel quasi no mesmo estado em que o achei, não obstante ter feito mais do que me estava ordenado nas instruções de 4 de Agosto de 1851, de baixo de outro ponto de vista pode-se dizer que minha presença, foi util, como adiante se verá.

Falta do pessoal que deixei exemplo de enfermidades (pg 8 :) e nas melhores disposições. Não pretendo com isto inclinar que fiz muito, pelo contrario julgo dever assinar como a primeira e principal causa d'esta differença a influencia da localidade em que

ora se acha o Presidio. A simples mudança de habitação e a viagem que fizemos concorrerão mais para o prompto restabelecimento dos homens e mulheres doentes, do que as ligeiras applicações que fui obrigado a aconselhar.

No dia em que parti de Santa Izabel não havia um só doente ou queixozo. Disse e repito, a principal causa d'este resultado é a boa localidade.

Em toda a região do Araguaia que tenho percorrido e examinado, desde o Presidio Leopoldina até a Aldeia do Travessão que demora 5 leguas abaixo do Sítio em que coloquei o de Santa Izabel, isto é, numa faixa de mais de 60 leguas de comprimento não ha um ponto que reúna as vantagens d'esta interessante e singular localidade. As casas no Presidio ficam num sítio de 7 a 8 braças superior as maiores enchentes, sobre terreno enxuto, arenito, e abaulado, onde as aguas achão prompto escoamento. Ahí se goza de ar puro, e de ventos frescos. Este terreno é o arremate de morros que vem do rumo do Poente, e tem a vantagem de estar longe de pantanas e das terras argilozas sujeitas ás grandes cheias. Ainda mesmo as duas barreiras da Ilha do Bananal, que lhe ficam fronteiras são altas e talvez superiores as maiores cheias. Apenas a mata que interrompe as duas barreiras não

está n'esse caso, porem todo o mais terreno do Sul ao Norte e à leste da matta é alto e enxuto; porem de barro vermelho, que me fiz' concidera-lo impróprio para ser habitado.

Da posição defensavel em que fiz collocar os primeiros edificios avistão-se quasi duas leguas do curso do rio sem que uma ilha, se quer se projete nesta bela perspectiva e obste a que se veja o mais pequeno barco, que demande o porto, ou que tente passar por ele.

O porto do desembarque está feito pela natureza. Mais de 120 braças da testada do Presidio estão revestidas de giz ferruginoso, ou pedra canga. N'alguns lugares esta rocha se acha talhada em dois planos retangulares, um no sentido e um no sentido vertical, outro no sentido orizontal, de modo que já está feito um exelente caes. (pg 9.)

As madeiras para construção existem na margem fronteira (na Ilha do Bananal) umas a meia legua e a trez quarto de legua de distancia em bons matos virgens, outros na mata da beira do rio, que fica a pouco mais de 120 braças. Nas capoeiras e nos pequenos matos da margem esquerda perto do Quartel, achão-se as madeiras de pequenas dimensões que tambem são empregadas nas construções. Além de que existem na Ilha esses matos já examinados, e reconhecidos

como proprios para roças de milho e feijão, existe esses matos da beira do rio, que pode ser desfrutada com plantações de Março e Abril, chamadas da seca, plantações que em muitos lugares e em terrenos alluviaes (como estes são) pagão exuberantemente o trabalho da cultura.

Não falo ainda das matas da margem esquerda, onde estão as roças dos Indios d'Aldeia do Capitão José, não so porque não é necessario desfrutá-las tão cedo, como também porque ficando segundo calculo a mais de legua e meia da distancia do Armaial, só convirá cultivá-las quando houver facilidade em transportar as colheitas.

Resta-me dizer que corre á poucos passos do Armaial agua potavel, que todavia deve ser beneficiada por meio da limpeza do caminho por onde segue. Informarão-me os Indios d'Aldeia do Capitão José, e ele mesmo, que essa fonte resiste as maiores secas.

Demarcação dos terrenos dos Presídios Leopoldina, e Santa Izabel do Itaguaia.

No artigo 2º do regulamento que baixou com o Decreto n.º 750 de Janeiro do ano proximo passado se ordena, que em cada Presidio se demarque um

quadro de terras com legua e meia de frente e outro tanto de fundo. Combina da esta e outras disposições do regulamento com o artigo 1.^o da Lei de terras, fica fora de duvida que é este terreno o que pode ser cultivado pelos moradores do Presidio, e que é d'ele que se devem medir as datas de que cada Soldado, morador paizano, ou mesmo prezo, poderá tornar-se dono debaixo de certas condições. Infelizmente nem no Presidio Leopoldina, nem no de Santa Izabel se pode medir um só quadro com as dimensões prescritas onde o terreno seja todo aproveitavel para cultura.

[pag 10] No primeiro tive mesmo o desgosto de ver que desde já se abandonarão terras proprias de cultura, e mui proximas do arraial indo só procurar matos na margem fronteira e a mais de uma legua de distancia. Com effeito dentro do quadro de legua e meia de lado não ficão comprehendidas vastas matarias: seria muito conveniente que se demarcasse na margem oposta uma parte da superficie concedida, propria para ser distribuida pelos moradores futuros. Mas era muito desnecessario ir desde já fazer plantações tão longe, e dar a ideia de que nos arredores do arraial não ha terra de cultura.

Esta circumstancia embarcou-me

tanto mais, quanto maior era o desejo que eu tinha de evitar que se atribuisse à impropriedade do terreno a falta de colheitas que tem de experimentar o Presidio por motivo muito diverso.

Projetei demarcar a terça parte somente do quadro, medindo legua e meia de frente e meia legua de fundo; porém não fiquei satisfeito com este expediente, porque a milha do Norte, consta de terreno quasi inteiramente sem serventia. Não dei portanto andamento a medição do fundo deliberado à pedir autorização para obrar como as circunstancias do terreno permitirem.

No Presidio de Santa Izabel a mata-ria das terras da margem esquerda (onde o coloquei) fica distante mais de legua e meia do arraial. Além de pequenos matos proximos da povoação os mais arados para cultura, estão na Ilha do Bananal à meia legua e a $\frac{3}{4}$ longe da beira do rio. Na verdade as plantações de mandioca ficam em roda das casas, porém as terras para milho, feijão e outras especies, que exigem terreno de mata virgem estão além do rio, ou além da legua e meia que deveria ter o quadro. Poder-se-hia dizer que neste caso se devia ter fundado o Presidio na ilha, afim de n'um só quadro se abrangerem os matos. Porém obrando assim perdião-se as vantagens que resultam da

posição elevada na margem esquerda de ter-se terreno o melhor possível para cultura de mandioca e talvez de cana e de outras espécies que formão os accessorios d'alimentação. Seria preciso estabelecer a moradia na barreira d'onde se segue para os matos a qual é de tudo campo mas de terreno quasi exclusivamente argiloso (pg 11) onde (como em quasi todas) as aguas não tem pronto escoamento, e onde as febres aparecem todos os anos com intensidade desconhecida nos lugares altos, quer pedregosos quer arenentos.

No Presidio Leopoldina seria a mudança combatida por quasi idênticas razões. Portanto parece-me que seria acertado, muito conforme com o pensamento benéfico do governo de Sua Magestade Imperial, o medir-se e demarcar-se o terreno em duas, tres ou quatro datas em cada Presidio, sendo a somma d'estas datas equivalente a um só quadro das dimensões prescritas. Por muito necessario que me parecesse este expediente não ousei adota-lo sem autorização previa. Deixei portanto de proceder a demarcação em Santa Izabel, e tenho a solícitar que me seja facultado o proceder como o terreno permitir, affirm de que os Presidios não fiquem insufficientemente dotados e privados de cultivar terrenos férteis

Uma outra circunstancia poderá em-
baracar-me na demarcação das terras
do Presidio de Santa Izabel, e é o ficarem
compreendidos, ou muito proximos ma-
tos que os Indios estejam ocupando, ou
pretendão ocupar. Estou persuadido
de que terei recursos para não desgos-
tar essa gente principalmente porque
confio nas relações amigaveis que esta-
beleci com os dois Capitães mais vizinhos.
Todavia eu desejava que o Governo me
deixasse entrever qual será em sua sabedo-
ria o melhor expediente em casos semelhantes.

Estado atual dos dois Presidios
fundados em 1850. Suas necessidades
Inconveniencia da fundação de novos
Presidios em 1852.

De bem que V. Ex^{cia} me não incumbisse
de dar-lhe informações acerca do estado
em que achase os Presidios ou se todavia
ocupar-me d'este objeto, não só porque
tomo apeito a realização da navegação
do Araguaia, que esses estabelecimentos
são destinados a proteger e auxiliar, como
tambem porque tenho necessidade de justi-
ficar amplamente o que já disse do Ex^{mo}
Governo a respeito da fundação de novos
Presidios. De mais tudo quanto observei
nos dois Presidios existentes deixou-me
a convicção profunda de que se se ocultar
a verdade ao Governo, e se por consequen-
cia não houver sobre estes estabelecimentos

fiscalização rigorosa acompanhada de certas providências, que tomarei (pg 12) a liberdade de propor os Presídios não passarão de inútil verba de despesa, não poderão prosperar, e terá o Governo de retirar os destacamentos. Nesta convicção fulgo que não procederia com lealdade para com o Governo do país, se porventura me calasse.

Achei o Presídio Leopoldina n'um estado bastante desagradavel, tanto pelo que respeita ao material como pelo que respeita ao pessoal. Não havia em Setembro plantação alguma na inteira acepção da palavra. Ainda no meu regresso em dias de Dezembro achei a mesma miseria, a mesma negligencia. Plantou-se ultimamente uma pequena roça de milho, mas, desde já asseguro que dará pouco porque não foi limpa em tempo conveniente, está a uma legua da povoação, e na outra margem do rio, exposta a voracidade dos animais silvestres. Além disto ha uma pequena plantação de arroz tratado com o mesmo desmazelo. Fez-se a pequena roça da comunidade a uma legua de distancia, e na margem oposta, quando do mesmo lado e a poucos passos da povoação era possível e muito vantajoso aproveitar-se o terreno. Foi nesse lugar que ensaiou-se a cultura no ano passado. Todas as especies plantadas

então nascerão e crescerão com viço, porém nada se colheu, porque começou-se a consumir o mantimento logo que foi amadurecendo, e, destruiu-se o mais, soltando-se vacas e porcos pela roça.

Este fato referido a principio pelos Soldados que vinhão do Presidio e por diversos passageiros é exato. Achei o terreno das roças ocupado por meia dúzia de vacas, que tudo haviam estragado, e que destruirão as pequenas plantações que haviam feito algumas praças da guarnição. Sobre veio a fome, o desgosto dos Colonos e a necessidade de ocupar os Soldados em reiterados pedidos de socorros.

Impedidos os Soldados de plantar perto de suas casas, por estar o terreno ocupado pelo gado do Comandante; apenas quatro praças plantarão milho e arroz em muito pequena quantidade, nas terras da margem esquerda junto a roça comum. Não as podem beneficiar e só poderão colher dos dois artigos plantados, quanto lhes chegue para ajudar o passadio na sexta parte do ano. Pelo lado das construções basta dizer que chegou a miséria, a ponto de tirar-se a palha com que fiz cobrir provisoriamente a casa destinada para Quartel, para com (pg 13:) essa palha reforçar-se a cobertura do paiol em que tem morado o Comandante. Com isto ficarão os caibros, ripas e paos a pique das paredes expostas ao tempo

e por consequencia a maior parte d'estas madeiras tem apodrecido.

Hoje o quartel está descoberto e servindo de curral para bezeros.

Durante toda a estação seca (que começou desde Março) não se fez telha, para acabar de cobrir a casa destinada para residencia dos Comandantes. Foi em Setembro que occorreu ao Comandante a lembrança de mandar cuidar n'este serviço para logo abandoná-lo. Com isto quasi toda a caibreria e ripas não cobertas achão-se perdidas.

Pelo lado do pessoal eu asseguro ao Governo que não ha fé na agricultura, nem calculos de viver-se no Araguaia.

Todos estão como passageiros e espera de rendimento. O Comandante, não planta, não faz plantar, occupa-se apenas de dias a dias em caçadas, e no principio do mez improvisa o diario, e escreve ao Governo o que lhe parece.

Não fui espectador impassivel de tão lamentavel estado de coisas. Procurei fazer sentir ao Comandante, com a mais amigavel linguagem a inconveniencia de seu procedimento. Ouvi com attenção a serie de desculpas que me apresentou. Sabe V. Ex.^a que concorri para que desaparecessem dois motivos que me parecerão atendiveis. Porém nada lucrei.

Quando vejo o Comandante do Presidio sem embargo da clausula com que V. Ex.^a

lhe concedeu licença para vir a cidade, deixar o Presidio sem plantações, além desse pouco milho e arros, não plantar um só mandiocal, não fazer outras plantações que ajudão a subsistencia; quando esse Comandante despreza o aviso que lhe faz o Governo de que os socorros vão cessar; e ainda assim se obstina em não plantar, nem deixar plantar; que podem as advertencias e os conselhos do Engenheiro da Provincia? Que resultado terão se não alguma malquerencia?

Em summa o Presidio Leopoldina não tem plantações para subsistir no ano de 1852 e muito menos para socorrer aos navegantes. Não é uma povoação, e apenas uma Fazenda de pequena porção de gado, com todos os vícios da negligencia e do mau governo.

Para salvar-se este estabelecimento é necessario que seja quanto antes despedido o actual Comandante, e nomeado um homem que compreenda a gravidade e importancia (pag. 14.) de sua missão.

Convenem que esse Comandante tenha um socorro extraordinario de 6 a 8 trabalhadores militares ou paizanos durante dois à tres meses, para fazer sem perda de tempo novas roças que abasteçam o celeiro comum; devendo cuidar já e já na plantação de mandioca no terreno que foi aproveitado em 1850.

Um Comandante trabalhador poderá conseguir o fabrico de telhas ainda na estação churosa e concluir os edificios começados: poderá finalmente

inocular com seu exemplo o amor ao trabalho, café n'agricultura, qualidades que inteiramente faltão ao que atualmente percebe as vantagens do Comando.

Achei o Presidio de Santa Izabel sofrendo as consequencias da impropriedade e da insalubridade do lugar em que ficara. A falta de colheita procedente de serem as terras incapazes de cultura, como no meu relatório de 1850 eu havia anunciado as demoras de socorros de viveres, a intensidade das febres intermitentes quase sempre perniciosas, o mau regimen no tratamento das molestias, a retirada de todas as mulheres solteiras (que talvez se pudesse com facilidade conseguir que casassem e ficassem no Presidio) o Comando de um sargento perdido, durante o qual se praticarão os mais escandalozos abusos que se procurarão acobertar com o incendio misterioso da maior parte das palhoças contiguas à casa da arrecadação; taes são as causas que se acomularão para produzir o desgosto em que achei soldados presos e mulheres.

Ignoravão se no Presidio de Santa Izabel as disposições do regulamento, que tem por objecto contentar, animar e estimular ao trabalho. Ignorava-se que o Governo promete premios à aquelles que se distinguirem por plantar e colher mais que os outros, e aos que se habilitarem

a servir de interpretes, para com os Indios da vizinhança. Nunca tinham sido lidos os artigos do regulamento como expressamente se ordenou que se praticasse nas epochas de pagamentos!

Achei a crença quase inabalavel de que era inutil se cansarem em cultivar o terreno; de que os Presidios não hão de prosperar, e de que o Governo ha de vir a desistir da empresa de povoar os sertões do Araguaia.

Não julgando inconciliavel com a minha (p. 15) posição o argumentar e procurar esclarecer um Soldado, e mesmo um prezo, a todos falei a linguagem da verdade e do interesse pela prosperidade dos Presidios. Repeti-lhes e expliquei-lhes as disposições do regulamento que importa terem de memoria; e observei que a idéia de possuirem, e a de poderem vender productos de suas roças, foi o meu melhor argumento.

Não me limitei á palavras: demarquei para cada colono terreno para uma casa, na povoação com um quintal para ser cultivado; quando obtive dos Indios d'Aldéia do Capitão Mariano, plantas de mandioca, bananaeiras e canas; destinei uma parte para a roça comum e distribui a outra pelos Soldados e pelos prezos. Observei e fiz observar ao Comandante do Presidio que d'ahi por diante os trabalhos proseguirão com maior actividade.

Em summa julgo que deixei os animos bem dispostos, por quanto em vez de trazer pedidos para rendimento, trago os de outra natureza.

Um prezo pediu-me que na minha primeira viagem lhe levasse sua mulher, que se achava na Cidade e um filho que está em Jamimbé.

Outro prezo cujo tempo de sentença já espirou pediu-me que lhe obtivesse praça para ficar morando no Presidio.

Em fim trago um rol de pedidos dos pobres colonos, que me deram d'este modo uma prova de confiança e de que não perdi o trabalho que com eles tive para esclarece-los sobre seus verdadeiros interesses. Julgo que fui eficazmente ajudado pelo abalo salutar que causou a mudança, a viagem que fizemos, e a beleza do lugar em que os deixei.

O Presidio de Santa Izabel está muito mais longe dos recursos das povoações que o Presidio Leopoldina. A guarnição hoje reduzida à metade do que deve ser tem por vezes sofrido fome e enfermidades. Houve uma remoção para um ponto 10 leguas mais longe do que estavam.

todavia se for prontamente socorrido com viveres, e reforçado como convem de modo que desapareça o receio de ser agredido pelos selvagens, ha de ter com que a alimentar-se nos ultimos meses de 1852, entretanto que o Presidio Leopoldina continuando as couzas como vão

nunca terá mantimento para alimentação dos 10 praças que o quarrecem. Ao passo que vi o Comandante de Santa Izabel receber com gosto as sementes que obtive dos Indios e declarar-me que só não plantaria quando não tivesse semente, o Comandante do Presidio Leopoldina, (pág 18) soltar suas vacas na roça ainda não colhida, não apresenta no fim d'um ano uma bananeira se quer, e obstina-se em não fazer a plantação de mandioca, que é artigo de primeira necessidade nos Presidios, e para o qual se achão a cada passo terras excellentes. Com todos os inconvenientes de que o Governo já tem conhecimentos, a tapera onde estive a guarnição de Santa Izabel, tinha um mandiocal e algumas plantações de legumes. Nada absolutamente nada havia, nem ha no outro Presidio definitivamente estabelecido numa bela localidade. ~

A carencia em que se achão os dois Presidios de certas construções é e ha de ser um embarço não só para a prosperidade d'elles como até para sua marcha regular. No Presidio de Santa Izabel essa carencia é absoluta.

Disse acima que deixei concluida uma casa espaçosa para residencia do Comandante e para arrecadação. Porém o que pode ser uma casa construida em 5 dias? Emprequei o maior cuidado em faze-la forte, mas edificios

d'esta natureza não tem segurança nem duração. As casas feitas de madeira branca e cobertas de palha são construções que se deve considerar como provisórias, porquanto são essencialmente fracas, mal arejadas, sujeitas a incendios, de pequena duração e por isso menos economica do que de ordinario se calcula. Em summa povoações permanentes e edificios provisórios são ideias inconciliáveis.

Está determinado no regulamento o numero e a qualidade dos edificios que se deve ter cada Presidio: naquelles que forem estabelecidos entre as tribus selvagens, é de muita importancia que se construa uma estacada ou outra qualquer obra defensiva. Podem se submeter as diversas construções a um plano e simplificar a execução mas é necessario que os trabalhos sejam executados pelo engenheiro que os projetar ou por pessoa que o possa compreender. Ao contrario os Comandantes se embarcariam a cada passo e nada farão.

Não está neste caso o Presidio Leopoldina ali foi facil dar solidez as construções porque estava a poucos passos a madeira apropriada. O Pessoal do Presidio é pequeno: sua proximidade de uma povoação (o Arraial de Santa Rita) onde se pode achar o recurso que se quizer, é uma vantagem que não cabe aos Presidios, mais distantes.

É um officio que tive a honra de dirigir a V. Ex^{cia} em data de (...) 17 R.), 23. de Outubro, propuz como medida de alta conveniencia a suspensão do pagamento das etapas em dinheiro, alem da alimentação e que se fizesse este pagamento em gado de criar vacum e cavalari. Huma das causas de desgosto em que vivem as praças é o preço exorbitante porque si tem visto forçadas a comprar generos. Ora tem acontecido, que em consequencias de demoras nos pagamentos, tem seguido para os Presidios, grandes remessas de dinheiro.

Soldados solteiros, senhores de uma somma avultada urgidos de necessidades, largão o dinheiro com um dessabor que condõe e que os desmoraliza e desgosta por fim.

O meio que me parece mais eficaz para arredar este mal é o tornar os colonos possuidores e afeicoados ao lugar em que vivem. Não ha talvez na Provincia inteira uma região mais propria para a criação do gado vacum e cavalari que os campos das margens do Araguaia.

Na ilha do Bananal coberta de cervos e de veados de diversas qualidades, as pastarias se estendem d'esde a beira do rio até as terras mais altas do interior, que como Oásis estão cobertas de mui boas matas.

Seria portanto de alto interesse para

o futuro das colonias que d'esde já se introduzisse nos Presidios a creação de gado vacum e cavalos.

Quanto ao meio pratico de realizar esta medida posso qualifica-lo de sumamente exequivel.

Depois de ter-me occupado tão minuciosamente do que interessa aos Presidios não deixarei de tocar na grande necessidade que neles se sente do pasto espiritual. A falta de Sacerdotes no Presidio é o maior obstaculo que se apresenta à mudança de familias de que não se tem efetuado uma só. Daí procede o embrutecimento para que vão marchando os colonos, e o desgosto das consciencias religiosas. A presença de Padres nos Presidios trará immediatamente incalculaveis vantagens filhas da presença e dos trabalhos de um ministro da Religião de Christo. Só o conhecimento da moral evangelica poderá arraigar e tornar profundo o respeito ás leis e as autoridades, que não é licito esperar da disciplina militar isoladamente e por circumstancias imperiozas frouxa e menos severa. Além disto uma intelligencia cultivada e um procedimento regular são correctivos indirectos ao arbitrio que forçosamente se deixa ao Commando Militar (p. 27-28)

O Governo de Sua Magestade Imperial, e da Provincia reconhecerão sempre esta necessidade e a consideração como de primeira ordem. Creio que a demora em satisfazê-la procede unicamente da falta de Missionarios, mas si não estou em erro julgo que seria muito mais vantajoso o lançar-se mão de Sacerdotes brasileiros, do que de Missionarios Italianos, não só porque podem servir de Professores de 1.^{as} letras para os menores de ambos os sexos como também por que ensinão mais suavemente a doutrina Cristã e a moral do Evangelho, sem a aspereza dos Frades, e sem essa tendencia a usurpação de funções diversas e de mando absoluto, tendencia que caracteriza a quasi todos os que se deixão ficar perto das povoações pequenas, pobres e atrasadas.

Estando as cousas neste estado nos dois Presidios eu julgo que é menos acertado fundarem-se novos Presidios em 1852. Dadas as providencias necessarias para que os dois Presidios existentes possam entrar numa marcha regular e tenham com que substituir sem reiterados socorros do Governo exercida sobre os Comandantes severa fiscalização só nos ultimos meses do ano poderão ter com abundancia milho, feijão e arroz.

Em Santa Izabel onde já ficou plantada alguma mandioca, e onde a esta hora essa plantação tem proseguido, po-

derá haver muita farinha de Abril de 1853 por diante. Então será possível a sustentação de um Presidio em Santa Maria, do contrario eu antevio a inutilidade dos trabalhos e despesas com a fundação de mais um Presidio.

Sabe V. Ex.^{ta} que tem se dado o fato de chegarem os socorros de viveres em Santa Izabel tres meses depois de pedidos.

Ainda agora aconteceu que tendo eu solicitado um socorro de viveres para o Presidio em data de 29 de Outubro não se achava esse socorro embarcado no dia 20 de Janeiro, o qual vai chegar tres meses ou mais depois da requisição.

Ora se for necessario que do Presidio de Santa Maria se mande pedir socorro à Capital, está visto que se ha de viver em frequentes apuros, e nada se conseguirá. Entendo portanto que seria de grande vantagem que as praças destinadas para a guarnição de um dos novos Presidios marchassem no mes de Abril para Santa Izabel.

Que vai se fizerem rocas em grande escala, se construissem solidamente os edificios indispensaveis; e que em Abril ou Maio de 1853 descesse essa força para estabelecer-se o Presidio (~~em~~^{na} 190) em Santa Maria.

Deste modo nada sacrifico e poupa-se ao Governo a despesa com a remessa de grandes socorros para Presidios ao remotos.

Guarnição do Presídio de Santa Izabel
Já disse Ex^{mo} Sr, que achei a Guarnição do Presídio de Santa Izabel, reduzida a metade do que deve ser, e não posso deixar de apresentar a V. Ex^{ca} as considerações que me fazem encarar esse estado muito inconveniente e prejudicial. Logo que tive ocasião de officiar a V. Ex^{ca} em 29 de Outubro passado tive a honra de lembrar-lhe, como medida urgente o complemento da Guarnição, e disse que julgava de muito alta conveniencia que marchasse para ali Soldados casados. Assim pois os dois males que enxergo n'este assunto são a fraqueza da guarnição e o serem os Soldados todos soldados solteiros. Atualmente em Santa Izabel, os soldados casados são apenas três.

O numero pequeno de praças a que foi pouco a pouco reduzido o Presidio, antes de estar convenientemente estabelecido e relacionado é um embarço serio para a fatura de roças e construção de casas, e mais que tudo para a defesa da povoação. Não creio que seja facil um ataque da parte dos selvagens estando reunido e municiado essa gente.

Mas, receio muito que o esmorecimento dos nossos, as medidas de vigilancia provocadas pelo conhecimento da propria fraqueza e qualquer descuido que occasiona a fome, levem os soldados a atos de imprudencia e de provocação contra os selvagens. Dai a destruição do

Prezidio vai um passo. Do Prezidio de Santa Izabel à ponta superior da Ilha do Bananal ha aproximamente 20 leguas do Porto da Piedade 33 do Prezidio Leopoldina 55 toda esta facha aparentemente deserta acha-se sob o dominio de diversas hordas selvagens repartidas em pequenas aldeias de Carajás, Chavantes e Jarahís ou Chavaez. Poucas leguas abaixo estão os Tapirapéz. Se se observar que desde Agosto até Outubro não se pode ver uma estrela no Araguaia se não depois dos ventos frescos da madrugada em consequencia dos fumos das queimadas de campos; se se endagar dos Carajás qual é a cauza porque vivem como que agarrados as praias da margem esquerda do Araguaia, sem ousarem penetrar uma legua no interior da margem direita e até a Ilha do Bananal, nem muito alem da margem. (pg 20) esquerda, com preender-se ha que o numero de Chavantes e de Indios de outras denominações é incalculavel com a desfavoravel aproximação. Nem é outra a cauza da boa vontade nos mostrão os Carajás.

Neste estado de cauza; um Prezidio fraco, mal armado, e descontente pode comprometer os planos da catequese, ou ser vitima da cobiça e da barbaridade dos indigenas.

Que importão essas divergencias entre as diversas tribus quando algum ato

imprudente de nossa parte (ato que julgo muito provavel se pratique por despejo) pode trazer a memoria a tradiçao de passadas ofensas dos primeiros conquistadores e produzir uma aliança perigosa? A circumstancia de serem solteiros todos os Soldados é um mal que exige no meu conceito remedio pronto.

Não é possivel que os Soldados permaneçam contentes n'esse estado, nem eles occultão o desgosto em que vivem por esse motivo. Sem laços de familia a vida n'esses sertões é um degredo horrivel, e que forçosamente ha de resistir a natureza com o imperio de suas leis.

Julgo portanto, que seria de mais alta conveniencia o fazer-se cessar semelhante estado, que pode por si obstar a realizaçao do pensamento sublime e benefico do Governo de Sua Magestade Imperial.

O modo pratico de realizar-se esta medida seria ir desde já substituindo os solteiros por casados e fazer que aqueles viessem a Capital e voltassem pouco depois com familia. Basta que eles tenham fe' na pronta remessa de socorros e algum auxilio pecuniario, para n'este assunto tudo se conseguir.

Exame da picada incumbida ao
Ten. Cor.^{el} José Antonio Ramos Jubé

Recomendou-me V. Ex.^a que procurasse descobrir a picada de que foi encarregado

o Ten. Coronel Jubé, picada que devia co-
meçar na povoação do Peixe, no rio
Maranhão e sair fronteira a ponta me-
ridional da Ilha do Bananal. Disse V. Ex.^{ta}
que pelas comunicações recebidas do encar-
regado d'este trabalho devia supo-lo con-
cluido. Na minha descida não observei
desde a confluencia do rio Crizaz até a
ponta superior da Ilha, vestigio algum
de ter estado gente nossa na margem
direita do Araguaia. Era natural que che-
gando-se (pg 21?) a beira do rio se fi-
zesse algum rancho, se cortassem al-
gumas arvores ou se deixasse outro
qualquer sinal.

Encontrando-me no braço grande
da Ilha do Bananal com Índios Carajaz
e moradores na Canabrava que tinham
andado pelo braço menor em pescarias,
achei-os na mais completa ignorancia
à respeito desta empreza.

Na minha volta examinei cuidado-
samente a região fronteira à ponta su-
perior da Ilha do Bananal, desci e subi
durante um dia inteiro e não encon-
trei o menor vestigio de estrada ou pi-
cada. Foi no Porto da Piedade que tive
algumas informações, hoje de nenhum
interesse, porque V. Ex.^{ta} tem a pasta
oficial e o itinerario do encarregado da obra.

Passsei agora a outras informações que
V. Ex.^{ta} exigir. Não julgo impraticavel
uma outra estrada que ponha o porto
de Silva Gomes em communicação com o

que se chama de Aldeia de São Joaquim de Jamimbu; mas julgo que terá de ser longa pela necessidade de rodear lagos e pantanos, principalmente na estação chuvosa.

Creio que a condição principal da estrada incumbida ao Tenente Coronel Jubé era o sair fronteira à ponta superior da Ilha do Bananal. Essa condição está prejudicada, pois que nem eu achei o Porto do Silva Gomes. depois de um dia de diligências, nem os que dele subiram outro dia inteiro pela beira do rio poderão chegar à ponta Sul da Ilha do Bananal.

Quanto a distancia d'este lugar ao Porto da Piedade, tenho calculado que é aproximadamente de 13 leguas.

Depois d'estas informações, que são as unicas exigidas por V. Ex.^{ta}. permita-me que lhe não occulte outras que julgo dignas de consideração.

Em minha humilde opinião, tanto a estrada de que foi encarregado o Tenente Coronel Jubé, como aquella de que o foi o Coronel Ladislao, só por acaso poderão sair certas ao ponto desejado e ter uma direção conveniente; por quanto nem estão determinadas as posições astronomicas dos pontos que se trata de por em comunicação, caso em que se poderia marchar com agulha, se se soubesse usar dela nem existião trilhos ou picadas que embora muito sinuosas

tivessem servido e possão ainda servir para comunicar as povoações da (pg. 22) Carolina e do Peixe com a cachoeira de Santa Maria, com a ponta superior da Ilha do Bananal.

Bem sei que dada a circumstancia muito particular de correr o Araguaia quasi em linha recta de Sul a Norte, toda a vez que se procurar sem discrepancia o rumo do poente ha de chegar à beira do rio. Mas aonde? Acima ou abaixo, e talvez muito longe do ponto que se demandar. Na maioria de casas ha de ser necessario dar a entrada angulos ou voltas, que aumentarão as distancias muito consideravelmente. Se estas considerações me fazem crer que as estradas em questão não podem ter aquele character que devem acompanhar as empresas e obras do Governo; outras considerações filhas do estudo dos habitos, e das inclinações dos homens com quem se espera quarnecer os Presidios; fazem-me antever alguns inconvenientes na abertura dessas picadas ao menos enquanto esses homens não estiverem arraigados nas Colônias, por laços de familia, e pela propriedade de bens imoveis. É uma triste verdade, os Soldados, e principalmente os que são naturaes das povoações do Norte tem e até ousão manifestar a mais decidida repugnancia ao ~~os~~ estabelecerem-se nos ser-

Tões do Araguaia em consequencia de se haver vulgarizado por via de frequentes trocas de praças e da recolhida de muitos que quarneião Santa Izabel, que se tem sofrido nos Presidios, principalmente neste, fome e necessidades de todo o genero. Pode-se verificar que a maior parte dos recrutas vindos do Norte da Provincia depois que se trata do Estabelecimento de Presidios e mesmo antes dessas noticias desagraclaveis, tem desertado.

Primeiro que se combata essa navegação, que não julgo insuperavel, as estradas do Araguaia para as povoações do Norte que serão caminho aberto para dezercões e favorecerão o abandono dos Presidios. Por outro lado eu entendo que durante os primeiros anos, e enquanto se não estabelecesse completamente a navegação para o Pará não converia fazer uso de outra estrada, que não fosse essa tão comoda e vantajosa que a natureza apresenta, isto é, o rio Araguaia.

Não é possível que os moradores das margens do Araguaia adquirão a aptidão que se deseja e de que se precisa na navegação fluvial se se ocuparem ao mesmo tempo nos trabalhos que exigem as estradas de Terra. (pg 23. ?) A superioridade material que se observa em certos povos sobre uma parte dos elementos, procede primeiro que tudo de se verem desde a infancia constantemente empregados no mesmo genero de trabalho; a variedade nas ocupa-

ções mecânicas, é inconciliável com a pericia n'alguma delas.

3] Exploração e reconhecimento dos Rios Araguaia, Tocantins, e seus afluentes. Carta hidrográfica destes rios.

Dois meios práticos se oferecem para o desempenho desta importante comissão: o primeiro é o que está indicado e recomendado nas instruções do Ministro do Império de 29 de Janeiro de 1849, o segundo é o que já lembrei e vou ainda lembrar como o mais conveniente e preferível.

Nas instruções citadas se diz: cumpre que a medida que se for fazendo a exploração e reconhecimento dos rios, se vão logo estabelecendo destacamentos militares nos pontos que parecerem mais adequados para a fundação dos Presídios.

Outro meio de se obterem as informações que o Governo Imperial sente não encontrar nas Secretarias de Estado, é o marchar o engenheiro logo no principio da estação própria para seus trabalhos e exames, sem ter que intervir na fundação de Presídios, dando-se-lhe não só todos os meios que requisitar como também autorização franca para obrar segundo as circumstancias em que se vir colocado sobre tudo podendo abrigar-se na estação chuvosa, na povoação em que se julgar mais conveniente.

O primeiro modo de proceder é inques-

tionavelmente mais seguro, o engenheiro marchará sempre acompanhado de força respeitável e irá por assim dizer passo a passo reconhecendo e explorando os rios. Resulta deste método que se torna fácil o verem-se os embarcações naturais nas quadras de extrema baixa e nas das grandes águas. Pode-se por tanto ideiar um plano de melhoramentos na seca e imaginar depois que influencia terão sob as grandes massas d'água as obras projetadas. Entretanto os primeiros destacamentos se irião tornando povoações abastadas de viveres, onde se poderá achar a substancia, e quando se empreender a execução das obras indicadas, pelo Engenheiro não será preciso ocupar boa parte da gente na procura e condução de alimentos. (pg 24.)

Este meio porém tem o grande inconveniente de depender não só do emprego de muita gente, como também do bom andamento e da prosperidade das povoações que for estabelecendo.

Se por estas circunstancias torna-se necessariamente delongado o desempenho da parte exclusivamente científica da comissão; por outro lado não é possível que no resto de uma estação seca se fação todos os exames necessarios para se poder projetar obras da mais alta importancia na arquitetura hydraulica, devendo regressar pelo Araguaia todo deserto.

É preciso que o Engenheiro exonerado de trabalhos nos Presídios se ache nas águas do Araguaia em principio de Maio ou Junho, afim de poder gastar dias e noites em observações astronomicas, dias e semanas no exame acurado de cada uma das cachoeiras do Araguaia e Tocantins.

A transposição maquinada das cachoeiras pelo canal, que menos perigo oferece é para o simples gerente de uma companhia comercial um trabalho rude que só exige pericia especial na tripulação.

Mas para o Engenheiro que deve projetar obras afim de vencer ou minorar as dificuldades a tarefa é muito diversa, sobre tudo muito mais longa.

É preciso que por seus proprios olhos veja tudo que meça que represente toda a cachoeira em pequena escala, afim de que com as dificuldades a vista, possa meditar e planejar. Uma cachoeira tal como a denominada grande, pode ocasionar uma demora de duas a tres semanas, pelo menos, se o engenheiro tiver a sua disposição bons nadadores e mergulhadores destros nos mangos de pequenos barcos em que se possa percorrer toda a cachoeira em diversos sentidos. É preciso que nestes trabalhos, não tenha o aquilhão da carencia de viveres: e que sobre tudo não seja forçado a caminhar contra as correntes, por trezentas leguas de sertão.

Julgo portanto acertado que qualquer
que seja o engenheiro encarregado des-
ta comissão lhe seja facultado o não
regressar das cachoeiras que tiver exa-
minado para a Capital da Provincia.
Se por exemplo tiver conseguido, traba-
lhando desde Junho ou Julho até Outubro
o reconhecimento completo de todas as
cachoeiras até S. João d'Araguaia, não
terá no estado actual dos Presídios viveres
(pg 25.) para a viagem de tres meses que
será preciso fazer das ultimas cachoeiras
até Goiás marchando com rapidez.

Alongando-se a estação seca devera se-
guir pelo Tocantins. Não é de hoje que re-
conheço ser necessario assim proceder-se

Quando em Julho passado estive na Ca-
pital solicitando o fornecimento do que
era indispensavel para entrar em traba-
lhos no Araguaia, e as instruções por
onde devia reger-me dirigi à V. Ex.^a
o seguinte officio em data de 23 deste
mes, 12 dias antes da expedição das instru-
ções.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr.

Não tendo ainda recebido as instruções de
V. Ex.^a que hão de traçar a linha de con-
duta que deverei seguir na viagem
do corrente anno as cachoeiras do Ara-
guaia, venho submeter a considera-
ção de V. Ex.^a duas ideias que espero
merecerão o assenso de V. Ex.^a e do Govê-
rno de Sua Magestade Imperial. A pri-
meira é que em vez de regressar da

cachoeira grande pelo Araguaia e rio Vermelho ou Rio do Peixe desca até São João d' Araguaia e suba o Tocantins que devo explorar até a Vila da Palma, e por ventura ainda acima.

A segunda é que coletadas as informações que devo dar ao Governo de Sua Magestade Imperial nesta só viagem em que podem ficar examinadas as cachoeiras de ambos os grandes rios principalmente se as cheias se demorarem até Novembro ou Dezembro. Viga eu para a Corte do Rio de Janeiro, afim não só de apresentar os trabalhos já conhecidos, como também de fazer a aquisição de maquinas, utenciz (sic) e operarios, que não se podem conseguir na Provincia

Permita-me V. Ex.^a que apresente em seguida as razões que justificão o plano que ousou submeter à consideração de V. Ex.^a e do Governo Imperial;

Se da cachoeira grande houver eu de voltar a esta Cidade pelo Araguaia e alguns dos seus confluentes é claro que será esta viagem da volta inteiramente improficua; por quanto nem sera necessario percorrer segunda vez as cachoeiras percorridas, e examinadas na descida, nem se poderá colher ao menos a vantagem de tirar-se a planta do braco direito da Ilha do Bananal, que só durante as cheias é tranzitavel. E si por ventura me acontece poder colher

essa vantagem, seria atroz de subir um rio tão longo em ocasião de cheias o que pode causar graves inconvenientes.

Se porem em vez de regressar pelo Araguaia houver de subir o Tocantins poderei examinar e reconhecer este rio e até alguma de suas povoações antes que appareçam as enchentes; e se por acaso entrar cedo a estação chuvosa e com ella a quadra dos maiores incomodos e privações será mais facil ganhar uma das povoações do Tocantins que a cidade de Goiás, subindo o Araguaia.

Para prosseguir nos trabalhos de reconhecimento, é o Porto Imperial ou a Vila da Palma exelente ponto de partida.

Além disto haverá a vantagem de estar concluido o trabalho mais importante.

Se em vez de prosseguir nos trabalhos de exploração entender o Governo de Sua Magestade Imperial que convira entrar-se logo na tarefa de melhorar a navegação do Araguaia é ainda mais vantajoso partir do Porto Imperial para esses trabalhos e tirar fornecimento de viveres da Vila de Carolina do que sair desta cidade, tanto mais que não é licito esperar auxilio tão cedo dos Prezídios, que hão de ser estabelecidos.

Ora cumprindo-me escolher localidades para o destacamento do Jaminábu e para quatro Prezídios, isto é para o de Santa Izabel, e para tres outros, pode ficar feito este serviço na descida

para a cachoeira grande, e deste modo não será necessária minha presença n'este rio, sinão para o exame de seus confluentes e da navegação que pode dar acima do Presidio Leopoldina, e acima da barra do rio Claro.

Estes trabalhos e uma viagem pelo braço direito, ou furo do Bananal necessaria para levantamento da carta geral dos dois grandes rios, podem ser adiados para depois de melhoradas a navegação do Araguaia inferior. Julgo portanto, que seria conveniente ao bom exito da minha comissão ordenar-me V. Ex.^a que regressse pelo Tocantins, ou ao menos permitir-me em suas instruções que assim proceda ou não segundo as circumstancias em que eu achar-me. Pouco basta dizer para demonstrar a necessidade de que eu vá pessoalmente à Corte para os fins acima (pg 27 R) indicados.

Nos meses de Janeiro, Fevereiro e Março em que pode ter lugar minha ausencia não é possível que me empregue na Provincia em trabalhos pertencentes à Comissão que me foi designada pelo Governo Imperial, em razão de se acharem copiosamente cheios (como acontece até fim de abril e de Maio n'alguns annos) todos os rios.

Entretanto é necessario fazer a requisição de machinas de utenciz (sic) e de operarios que só na corte se podem

conseguir.

Os trabalhos tendentes a melhorar a navegação do Araguaia não estão no caso dos da desobstrução do Rio Vermelho.

Por exemplo é necessario em muitos lugares praticar minas de baixo d'agua, e para esse e outros trabalhos são indispensaveis não só obreiros de alguma pericia, como também materiais e instrumentos adequados. Na Provincia não ha nenhuma, nem outra cousa, como V. Ex.^a perfeitamente o sabe.

Julgo portanto ser conveniente ir pessoalmente à Corte, e sendo inegavel, que desse modo tudo se facilita e até a condução de quem houver de vir para os trabalhos, pois talvez se reconheça como supérfluo, que será muito vantajoso e economico entrar pela Provincia do Pará de onde convem que eu parta para o Rio de Janeiro em vez de percorrer algumas das estradas por terra.

A acrescentarei que me parece de alta importancia para o Governo de Sua Magestade Imperial o apresentarem-se as informações de que carece antes da abertura da sessão d'Assembleia Geral de 1852, além de que tendo sido retardado a execução da parte principal das Instruções de 29 de Janeiro de 1849 por falta de ~~navios~~ e tripulação, falta que agora se não dá parece-me que não convirá adiar para o anno proximo futuro a exploração e reconhecimento do Tocantins

que pode ter lugar neste, si a estação permitir, o mesmo digo a respeito de minha viagem à Corte que é indispensavel antes de dar começo aos trabalhos, que forem ordenados para melhoramento da navegação.

Digo indispensavel por que entendo que ainda com sacrificio pessoal não deverei declinar a tarefa de por em pratica as obras que propuzer.

Rogo por tanto a V. Ex.^a que se digne de levar ao alto (pg 28.) conhecimento do Governo de Sua Magestade Imperial o que deixo expellido afim de ordenar que eu vá ao Rio de Janeiro em serviço de minha comissão, se o julgar acertado em sua alto sabedoria.

Rogo tambem a V. Ex.^a que se digne prestar sua atenção ás considerações que apresento em abono da ideia de regressar pelo Tocantins, e não pelo Araguaia, se as circumstancias em que eu me achar collocado aconselharem este passo.

Deus Guarde a V. Ex.^a Goiás, 22 de Julho de 1851 H. C.

Pela leitura deste Officio se vê que duas ideias capitaes o dictarão; o regresso pelo Tocantins, e uma viagem à Corte pelo Pará logo que estivessem concluidos os exames das cachoeiras. Ainda hoje penso do mesmo modo e entendo que se deve proceder como propuz em Julho passado.

Mas como V. Ex.^a no seu officio de 4 de Agosto em que me regou o seu assentimento a primeira ideia declarou que

a segunda dependia de aprovaçãõ do
Governo de Sua Magestade Imperial, cu-
jo conhecimento entendi tambem que de-
via ser affecto este negocio, julguei neces-
sario incluir nesta peça o meu projeto
e as razões com que o sustentei.

Se V. Ex.^{ta} me permite que lhe manifes-
te meus mais intimos sentimentos e
pensamentos a respeito deste objeto, direi
que ainda hoje deploro que V. Ex.^{ta} me
negasse a autorizaçãõ que solicitei de
nãõ regressar pelo Araguaia.

Entrarãõ cedo as aguas nãõ era possi-
vel tendo perdido no Rio Vermelho
extremamente seco tanto tempo, em con-
sequencia de me ser indispensavel um
* bote nas aguas do Araguaia princi-
palmente quando estava a meu cargo,
nãõ só a entrega de um fornecimento
de viveres para Santa Izabel, como
tambem a remossãõ deste Presidio pa-
ra outra localidade, que ainda era pre-
ciso procurar nãõ era possivel, digo
examinar as cachoeiras e colher os da-
dos para projetar melhoramentos.

Porém era muito vantajoso, no meu
conceito descer-se o Araguaia, todo pas-
sarem-se as cachoeiras de salto e aquar-
dar-se em São João do Araguaia, ou
na Vila da Carolina a entrada da
nova estaçãõ seca. Achar-me-hia
proximo das cachoeiras do Araguaia e do
Cocantins. Durante as aguas tinha tem-
po para desenhar o rio percorrido e para

coordenar apontamentos de viagem e talvez para escrever alguma coisa que valesse a pena de ler-se (pg 29 R)

Se não tivesse solicitado a permissão de que falo, eu me animaria a dar este passo, mas, tendo me sido negada a autorização requerida, foi-me forçoso regressar para a Capital.

Entendi então que me cumpria desde logo pedir ao Ex^{mo} Governo as providencias necessarias para poder em principios de Maio ou Junho estar no Araguaia. E como já por duas vezes havia descido o Rio Vermelho em viagem seguida até o Araguaia, a tem das que fiz em trabalho de desobstrução, entre tanto que não tenho ainda navegado pelo Rio do Peixe, confluyente quasi tão importante como o Rio Vermelho e que devo tambem explorar, dei providencias para que a viagem futura possa ser por este rio, quando subir por ele o bote do meu transporte até o porto do Arraial de Santa Rita.

Descendo na futura viagem pelo Rio do Peixe, terei occasião de tirar a planta deste rio, que com o que já tenho do Rio Vermelho, e do Araguaia fará uma boa parte da carta hidrografica que devo levantar.

Quando em 1849 tive que occupar-me em trabalho de desobstrução do Rio Vermelho tudo faltava ao Ex^{mo} Governo, porem o digno antecessor de V. Ex^{ta} a tudo

deu remedio, obtendo da extinta sociedade de Mercantil, embarcações e trabalhadores.

Na fundação de Presídios em 1850, não sendo possível o mesmo recurso, lutei algum tempo com falta de embarcações, porém venci esse e outros embarques com aprovação do Ex^{mo} Governo e deixei os Presídios suficientemente providos deste artigo. Em 1851 cuidei mui serio e ativamente na aquisição de novos e bons vasos para minhas viagens para a fundação de novos Presídios, e fornecimento de viveres aos já fundados, e até para a viagem do Diretor Geral dos Índios. Passo portanto dizer que a principal dificuldade está apbanada.

A falta de camaradas a vista do que se tem passado com os preparativos da Companhia Comercial poderá embarcar-me. Mas tendo um nucleo de tripulação constante de soldados venci este obstaculo, como tenho vencido outros sem incomodar ao Governo com exigencias. Pode-se portanto esperar de minha futura viagem o que importa saber se primeiro que tudo que é o quanto será preciso despende-se para realizar os melhoramentos da navegação do Itaquara na região das cachoeiras (pg 30) com os trabalhos que tenho tido com os escritos, embora toscos, que tenho apresentado ao Ex^{mo} Governo, creio que se tem a necessaria luz para se ir

tomando aquelas medidas para que não é necessaria que o corpo legislativo vote novos creditos.

Escolha de localidade para Presídios na ponta septentrional da Ilha do Bananal, na Cachoeira de S. Maria e na Cachoeira Grande.

Ainda não estou habilitado para dizer se os tres pontos acima indicados tem proporções para o assentamento de povoações.

É dito por todos que tem visto a cachoeira de Santa Maria que a localidade onde existia o Presidio deste nome é excelente, mas nada se sabe por ora a respeito de outros pontos. Como quer que seja um dos novos Presídios deve ser colocado em Santa Maria.

Parece-me portanto desnecessario fundar-se um outro na ponta septentrional da Ilha do Bananal, quando o de S. Izabel está quasi no meio do braco grande da sobredita Ilha. Se fosse facil ao Governo achar gente para todos esses Presídios projectados, e se houvesse quantitativo suficiente para abastecer-los de tudo e para a remessas amiudadas de viveres ainda bem. Mas, com pouca força e pequenos meios é muito conveniente ter de menos um Presidio, a fim de que os dois de S. Izabel e S. Maria, vizinhos de centenares de

Índios sejam forte e respeitavelmente
quarnecidos. Nesta convicção quando em
data de 29 de Outubro me dirigi a V. Ex.
por um officio, cuja copia devo fazer: par-
te desta exposição, falei no ponto de Santa
Maria e foi ometo o da extremidade infe-
rior da Ilha do Bananal.

Parecia-me que o Ex.^{mo} Governo estava
deliberado a fazer marchar força para a
fundação de dois prezídios, e considerando
essa fundação nas atuais circumstancias
altamente prejudicial entendi que me cum-
pria emitir minha opinião e declarar
que não obstante estava pronto a ir es-
colher o lugar e assentar o Prezidio, si
o Ex.^{mo} Governo entendesse em sua sabe-
doria não dever adiar a fundação
projetada.

Creio Ex.^{mo} Sr. que a linguagem
de que me tenho servido nestes assuntos
é a que se compadece com a lealdade que
devo ao Governo do Paiz.

Sinto porem que o Araguaia esteja tão
da Capital e que não possa o Ex.^{mo} Presi-
dente da Provincia visitar os Prezídios
com as minhas informações (pg 31 .)
diante dos olhos para reconhecer por sua
propria observação si tenho sido exato
ou exagerado. Emquanto isto si não
fizer confio que a experiencia e o futuro
me farão justiça.

31 Exame do Porto da Piedade
Aldeia de S. Joaquim do Jamimbuí

Segundo me foi por V. Ex^{ca} ordenado procedi no meu regresso ao exame das terras do Porto da Piedade, afim de conhecer se havia proporção para cultura e estabelecimento de uma povoação.

Fizeste neste serviço os dias 29 e 30 de Novembro e o dia 1^o de Dezembro.

No porto da Piedade, que fica na margem direita do Araguaia cerca de 7 leguas abaixo da barra do rio do Peixe e 5 acima da do rio Crixás, ha terreno superior ás maiores enchentes. Este terreno tem a vantagem de constar de barro misturado de gres ferruginoso e de seixo mudo que torna muito e apropriado para receber construções e não pode ficar ilhado na época das máximas enchentes, porque continua á ser alto para o interior.

Nos arredores estão lindos campos de excelente pastaria outrora desfrutada em proveito da Fazenda Real. Estes campos tornão-se de subido valor pela circunstancia de estarem á 3 leguas do porto os terrenos em que brota o sal gema, que não obstante a imperfeição dos metodos de purificação serve para os usos culinarios, para salgar e para a criação de gado vacum e cavalari.

Não ficão perto na margem esquerda grandes matos, porem ha capões que podem ser aproveitados e que ficão a meia

legua e três quartos de legua do ponto mais próprio para moradias.

Por muitos anos podem estes matos e alguns da beira do rio admitir cultura. Querendo-se matas maiores achão-se a três leguas de distancia com muita suficiencia. Tudo isto é na margem direita. No lado oposto existem perto da beira do rio muito boas terras e matas proprias para cultura, e ricos de madeiras proprias para construções e para cortumes. Para construções de embarcações não tenho visto n'outra parte landeas tão ricas, tanta abundancia de piquizeiros como nos correjos e nos campos proximos do porto da Piedade. Ha proporções para fazer-se uma olaria a poucas braças do lugar usado para o Arraial, lugar que julgo muito provavel se possa abastecer de agua potavel, mudado o curso (pg 32.) de pequeno ribeirão que forma o lago denominado Jamimbú pequeno. Este lago que fica 140 braças longe do ponto de que falo, é um excelente ancoradouro para embarcações. Posso portanto afirmar que esta localidade tem proporções para o estabelecimento de uma povoação e que é tanto mais aproveitavel, quanto maior é a extensão no sentido do curso do Arraial em que a reunião dos necessarios predicados é rarissima. Andão-se desde o Presidio Leopoldina até o de Santa Izabel cerca de 55 leguas.

sem achar-se uma porção de terreno que não esteja sujeita às máximas enchentes, ou na quantidade de terrenos baixos e alagadicos. Lindas barreiras cobertas do exelentes pastarias, como as que existem abaixo da confluencia do rio Cruxás não são superiores às maiores enchentes como a de Março de 1850. Em Agosto deste anno todas elas conserva-
vao distintos vestigios das grandes aguas.

O sitio entre a barra do rio do Peixe e o porto da Piedade, sitio em que Frei Segismundo fez uma roça, ha poucos annos e' alto e tem matos, porém fica ilhado pelas grandes cheias, como a barreira em que esteve a quornicão de Santa Izabel.

Estas informações serião bastantes para orientar a V. Ex^a si não se desse a circumstancia de já ter existido no lugar de que acabo de falar, o destacamento denominado de San Joa-
quim do Jamimbu, de ter o mesmo destacamento voltado para a Boa Vista onde se acha residindo o Missi-
onario Frei Segismundo de Foggia, e de dizer-se que neste lugar existe uma aldeia de Charantes, e uma po-
voação. Não omitirei portanto o que me parece indispensavel que o Ex^{mo} Governo saiba, afim de resolver a questão de um modo que concilie os interesses da navegação e os da catequese.

Existe a 5½ leguas distante do Araguaia e no rumo de leste, partindo-se do porto da Piedade, uma pequena porção de casas entre morros descalvados, e é isto que se chama povoação da Boa Vista. Ahí tem estado por muitos anos um destacamento.

Outrora no tempo dos Generaes, foi este sitio cultivado e houve nele grande fabrica de farinha ao mesmo tempo que no porto da Piedade se criava gado vacum e cavalos.

Das roças então proximas da fabrica tirarão-se grandes colheitas que abasteceram esta cidade, e que fornecerão os viveres que descerão na ocasião do assenta (pg. 33: :) tamento do Presidio de Santa Maria.

Arremonta dos cavalos da antiga Companhia de Dragões era feita com crias da Fazenda do Porto da Piedade.

Tudo isto acabou!

Hoje as matas não estão perto do sitio em que existiu a fabrica e que conservou o nome de povoação da Boa Vista.

É deste lugar que o Conde de Castelnau disse com tanta verdade que lhe causara profunda impressão a miseria em que o vira. É ahí que se diz estar uma Aldeia de Chavantes e talvez outra de Carajaz. O que é verdade e que apenas se contão neste sitio 23 palhoças incluídas as

dos soldados do destacamento e uma pequena casa de telha começada em 1850 e ainda não acabada.

Existe além disto o antigo quartel que não obstante estar ameaçado de pronta ruína e de constar somente de duas pequenas peças, foi por Frei Segismundo convertido em Capela.

Dizião-me que se tratava da construção de uma Igreja, mas o que achei foram apenas 4 esteios enterrados e apurados e oito no chão.

Frei Segismundo conseguiu com os quatro esteios fazer um quarto que cobriu de telhas, ficando aberto uma face: denominou este quarto Capela-mor e nele tem celebrado o Santo Sacrifício da Missa desde a festa do Espírito Santo ultima até agora.

Não ha edificio algum para os Charantes, nem mesmo um rancho para se abrigarem do sol e da chuva, quando vem falar ao Missionario.

A residencia destes Indios é em ligeiras palhoças que fazem nas suas pequenas roças a uma legua da chamada Boa Vista.

Moravão os Carajás ainda mais longe, no lugar denominado Cana Brava onde se conservarão até 1850.

De ai se retirarão descontentes e procurarão o Presidio de Santa Izabel, mas vendo por toda parte a miseria, a fome

e nudez dos nossos, deixarão-nos fazendo de nós a triste ideia que é de esperar a vista disso.

Qual é pois a utilidade das despesas que se fazem com esse destacamento sem quartel na Boa Vista e que se denomina de San Joaquim do Jamimbú, nome de um lago no Araguaia?

Que utilidade pode tirar a navegação e a catequese deste estado de coisas?

A navegação precisa de socorros prontos na beira do rio. Ahi nada existe; a catequese exige que o Missionario viva entre os Indios, ou que os traga para uma povoação florecente, ou susceptivel de propriedade.

Porém o Missionario não pode sem meios (pg 34) amplos e um ponto de apoio adoptar o primeiro expediente; e a povoação da Boa Vista so existe à sombra do dinheiro dos Soldados.

Parece-me pois que se reduz a questão a saber se convirá remover para o porto da Piedade o destacamento so deixando-se o Missionario na povoação da Boa Vista; ou si convirá antes estabelecer tanto o destacamento, como a Aldeia no porto da Piedade.

Separar os dois estabelecimentos será muito mais despendioso e ocupará muito mais força por quanto o Missionario requerera sempre Soldados para manterem a ordem, guardarem sua pessoa e emporem aos Canoeiros.

Haveria a vantagem de apartar duas autoridades, o Missionario e o Comandante de Destacamento, cuja boa intelligencia e harmonia é apenas aparente e contraria, por tanto o bom andamento do serviço.

Remover Destacamento para o porto da Piedade é o que me parece melhor. Porém essa mesma desintelligencia entre as duas autoridades é um grande obstaculo e tem feito incalculaveis males.

Quando se trata desta medida Frei Segismundo apresenta objecções e qualifica a beira do Araguaia o mais desvantajosamente que pode, a isto acrescenta que essa remossão desgostará os Indios.

Ora si a povoação da Boa Vista fosse um lugar salubre, ainda bem, mas, o que é sabido é que ahí mesmo pereceu de febre uma boa parte dos Charantes, que Frei Segismundo trouxe da Ilha do Bananal. O resto dessa gente retirou-se com desgosto; só ficarão os primeiros charantes, que Frei Segismundo não podera conter com os poucos meios de que dispoem.

Se o Excm^o Governo quizesse ouvir os fundamentos de minha opinião, ~~me~~^{eu} lhe diria com franqueza porque razão julgo que Frei Segismundo não pode ser util no Araguaia, quer entre os Charantes, quer entre os Carajás e porque entendo que converia aproveitar seu

zelo, intelligencia e robustez n'outra parte da Provincia, ou n'outra Provincia Fica entendido que eu julgo em todo o caso necessaria a remoção do destacamento para o porto da Piedade, mas contanto que o destacamento seja considerado como (pg 35.) Presidio, regido pelo regulamento dos outros e socorrido de viveres durante um ano.

Já disse qual a distancia que vai do Presidio Leopoldina ao de Santa Izabel sem que haja um ponto intermediario habitavel além do porto da Piedade. Tambem já disse que me parecia desnecessario um Presidio na ponta septentrional da Ilha do Bananal quando na cachoeira de Santa Maria deve existir um.

Parece-me portanto, que o Porto da Piedade deve ser occupado por um Presidio Para isto não é necessario muito maior força do que a, que forma o destacamento. Deixando o Presidio Leopoldina com 10 praças, ficando 16 no Jamimbú, 40 em Santa Izabel, outras 40 em Santa Maria, teremos com 106 praças 4 Presidios; que bem administrados, e prosperos auxiliarão a navegação e imporão respeito ao selvagem. Ora na actualidade eu julgo que se não deve fundar Presidio em Santa Maria; portanto a força da 2ª Companhia de Pedestres; só chega para o custeis dos 3 Presidios superiores, que se fará com 66 soldados.

Hum auxilio de praças de Linha em Santa Izabel, pode preparar uma parte dos riveiros para a fundação do Presidio de Santa Maria, que não deverá ser antes de 1853, e só então, se no anno corrente o Presidio de Santa Izabel entrar na marcha regular e prospera, que é de desejar.

Em 1850 o Ex^{mo} antecessor desejando tomar medidas adequadas a fazer desaparecer o actual estado de coisas no chamado Aldeamento do Jamimbú, exigia que lhe desse informações, que o orientasse.

Por isso fui pessoalmente a Boa Vista, visitei as Salinas, percorri e examinei tudo.

Mas guardei até hoje minhas informações porque me faltava um reconhecimento dos terrenos do porto da Cidade.

Agora pois que tinha os dados necessários, e que havia maduramente refletido, entendi que devia informar a V. Ex^{cia} com toda a minuciosidade e franqueza.

[pag 35] Relações com os Índios habitantes das margens do Araguaia.

No artigo em que trato da remoção do Presidio de Santa (pg 36) Izabel, disse eu que desejei demorar-me no Presidio, e que lembrei-me de Oficiar a V. Ex^{cia} explicando a conveniencia de minha presença ali.

Se a vista das ordens que levaria não

me fosse impossível adaptar esse expedi-
ente, se estivesse ao meu arbitrio recolher-
me à Capital, ou não, em suma, se
nas instruções de 4 de Agosto me tivesse
sido facultado obrar segundo as circums-
tancias, em que me visse colocado; eu
me teria demorado em Santa Izabel.

antes de descer para as cachoeiras, com
o destino de percorrer o Araguaia todo,
Devia dar este passo porque o trato
com os Indios Carajás ofereceu-me as
mais lisonjeiras esperanças a deu-me
a entrevêr a possibilidade de travar
com eles dentro de pouco tempo relações
de perpetua amizade.

Minhas esperanças acharão fundamen-
to seguro na observação que fiz a respeito
do acolhimento que tivemos dos Indios
bravos muito mais franco e Cavalhei-
roso que entre aqueles, que já estiverão
na cana brava ou como se diz sem ver-
dade na Aldeia de San Joaquim do
Jamimbu.

Para explicar essa diferença bastaria
ouvir com atenção ao Carajá de nome
Firmino, de quem já falei no meu rela-
tório de 1850, e que tem qualidade pa-
ra nos poder ser muito util, ou muito
pernicioso.

No meu conceito a imprensa de Aldeias
Indios é daquelas em que se pode
dizer = ou tudo ou nada = Ou nós
havemos limitar a tratar os Indios
com urbanidade fazendo que perção

o recio de agreções da nossa parte, dando-lhes o exemplo de uma vida abitualmente laboriosa, mais tranquilla e mais feliz, ou havemos de empreender em grande escala e chama-los ao seio da Sociedade Brasileira, e para isso é preciso que se não recue ante a ideia de empregar avultados capitais e homens de intelligencia superior.

Quando os meios são escasos a catequização directa, e antes prejudicial que proveitosa serve somente para dar aos Indios noções exaggeradas de nossa fraqueza e para persuadi-los de que tudo quanto faremos, procede do recio do seu poder, e não de nos acharmos compenetrados da sublime ideia de humanidade e de que podendo eles fazer parte da população Brasileira, (pág. 37.) os devemos chamar ao gremio da Sociedade civil e da Cristandade

Nas instruções do Ministerio do Imperio de 29 de Janeiro de 1849, instruções que sempre cito com prazer pela justeza das ideias, pelas ordens adequadas, e pelas elevadas considerações, que ali se encontram, diz o Ex.^{mo} Sr. Visconde de Mont'alegre, que constando do roteiro do Bacharel Segurado que a maior força dos Indios Carayahix, habita ás margens do braço grande da Ilha do Bananal, só depois de mais amplas e detalhadas informações é que se poderá

resolver, se convem ou não tentar desde já aldea-los, ou se será preferivel adiar esta medida até que se convensão de que nada tem a receiar a nossa parte.

Qu este pensamento é um grande argumento em prol da ideia que emiti ou antes essa ideia, filha das observações que tive de fazer no trato com os Índios, de que fala o nobre Sr. Ministro, é uma informação que devo dar com todo desenvolvimento.

Data de muitos anos a estada de Índios Carajas entre a população brasileira. Infelizmente o que eles pela maior parte tem visto de nossa sociedade é-essa miseravel povoação da Boa Vista, que vive acanhadamente uma vida parasita à sombra do destacamento militar, que nunca foi suficiente para abrigar uma povoação consideravel.

Alguns desses Índios tem vindo a Capital e fazendo para isso uma viagem de mais de 60 leguas (da Boa Vista a cidade de Goiás) tem voltado pouco pouco satisfeito conosco em razão de escassez das dadivas com que tem sido brindados. Isto não obstante sempre o destacamento da Boa Vista foi visitado pelo Carajaz ou Carajahiz, até que foi ali rezidir um Missionario.

Desde então a totalidade de Índios de duas Aldeias montando acerca de noventa pessoas, fixou sua residencia nas imediações dessa pobre Boa

Vista, ficando por falta de arrancha-
ções, ou ao menos de uma casa
comum, em suas palhoças estabele-
cidas nas pequenas roças, que fizê-
rão nos matos da Cana Brava.
Angariados pouco depois alguns Cha-
vantes que se distinguirão dos Carajaz
por sua menor esquivança e negação
ao trabalho e à uma vida regular,
começou a aparecer o cumme dos Ca-
rajaz que acabarão por desgostar-se
inteiramente do Missionario (pg 38)
representando obrigado da opinião
que deles fazião os nossos.

Chegada a noticia de que se aquar-
telaria na Ilha do Bananal a quar-
nicão de Santa Izabel e sabendo os
Carajaz da Cana Brava que nada ti-
nha a temer de nossa parte, certos
da preferencia que se dava aos Cha-
vantes, sem esperança de serem contem-
plados na partilha dos brindes que
por ventura fizesse o Missionario, recor-
rerão à novas amizades e mudaram-
-se quasi todos para o Presidio, ficando
somente aqueles que já tinham algu-
mas plantações.

Conservando estes Indios todos os
seus usos e costumes, nada exigindo
deles a sociedade brasileira, excepto
paz, entenderão os demais Carajaz
que podião chegar-se à nós.

O Presidio foi visitado por alguns
Capitães, que com quanto não tivessem

sido obsequiados largamente forão toda-
via bem tratados pelos Comandantes
que lhes davão comida, e fazião que se
lhes consertasse a ferramenta, enquan-
to houve para isso ferro e aço

Desde que começou a estação seca
de 1851, as visitas forão mais frequen-
tes. A este tempo faleceu o primeiro Co-
mandante, as febres atacarão com vio-
lencia a guarnição, o Presidio achou-se
então na mais deploravel miseria; mas
como se esperava que eu chegasse a
qualquer hora afim de remover a guar-
nição para outra localidade, disse-se
aos Indios por muitas vezes que nada
se lhes podia dar por enquanto, mas
brevemente chegaria quem lhes havia
de dar tudo.

Ora tendo em em 1850 obsequiado co-
mo pude a alguns que me procurarão
no Presidio Leopoldina e tendo eles
compreendido que para isso fazia
algun esforço, porque virão que tomei
roupas a Soldados e camaradas pa-
ra vesti-los; com facilidade acrídi-
tavão tudo quanto se lhes dizia, e espe-
ravão anciosos pela minha chegada a
Santa Izabel.

Passarei agora a referir o que se pas-
sou de mais notavel com os Indios,
quiando-me por meu diario de viagem,
e seguindo por tanto uma ordem cro-
nologica. No dia 28 de Outubro achando-
me no Presidio Santa Izabel, que

30
tratava de remover recebi a primeira visita dos Carajaz da Aldeia do (pg 39') Capitão Antonio, que é um dos que se retirarão da Lana Brava.

Se bem que esse Capitão fale pouco nossa lingua, consegue se todavia fazer-la compreender o que se lhe precisa dizer. Um indio que lhe presta obediencia e que é conhecido entre nós pela denominação de-Cabo Clemente fala-nos e entende-nos com muito menos dificuldade. Conversei com o Capitão que ja me tinha visto no Presidio Leopoldina em 1850, e que era um dos que esperava por mim; dei-lhe alguns brindes para si e para sua mulher, que não vieram visitar-me, e para os que o acompanharão. Disse-lhe que me demoraria tres a quatro dias para poder descer com toda a gente e ir colocar o Presidio n'um bom lugar. Percebendo que essa mudança não lhe agradava propuz-lhe que nos acompanhasse, que se fosse estabelecer perto do Presidio Recuzou-se com fracas objecções que facilmente destrui. Prometi-lhe mandar fazer uma roça duas vezes maior que essa que devia abandonar; prometi dar-lhes bons ranchos, e escrever ao Ex.^{mo} Governo (Capitão Grande) afim de que se lhe mandasse roupas e ferramentas de roças, principalmente machados e enxadas. A nada cedeu aca-

tilando-se no argumento = que as mulhe-
res não querião = argumento que não pu-
de abalar. Tornei a carga nos dias se-
quintes, e tive o mesmo resultado.

No dia 1.º de Novembro descendo a pro-
cura de localidade para o Presidio parei
n'Aldeia deste Capitão que me recebeu
com alegria, queixando-se de que estava
sofrendo muito de defluxo.

Mostrou-me sua mulher, com ele per-
corri as choupanas, obtive com facilidade
de que reunisse toda sua gente para
lhes dar brindes, e pude conta-los um
por um, porque se prestarão a entrar
em forma por aturas, forma que a
groszeria e o desejo de receberem logo o
que lhes tocasse, não se conservou
dois minutos em linha reta, aos pou-
cos converteu-se em círculos, e dissol-
veu-se sem vozes de Comando. Cons-
tava à Aldeia de 20 homens, 15 mu-
lheres, e 25 menores, inclusive 4 de peito
Estavão ausentes 10 homens e 4 mulhe-
res. Total incluindo o Capitão = 75.

Depois desta distribuição, que deve sem-
pre ser o = Dios te salve = propuz nova-
mente ao Capitão que nos acompanhava
se; visto que já estava acostumado
com a gente do Presidio e com cristãos
em geral. Respondeu-me com fir-
meza inabalavel, que não. Mudan-
do de conversa, passei a perguntar-lhe
(pg 40) por coisas de pequena monta,
e succedendo passar perto de nós um

pequeno indio mui lindo, que me olha-
va com semblante risonho e satisfeito,
tendo ainda ^{na} mãos as contas e rosario
que lhe dera, disse-me o Capitão, que
esse menino não tinha pai nem mãe.
Perguntei-lhe quem o tratava, mostrou-
-me uma india. Perguntei-lhe mais
se queria entregar-me esse menino,
afim de que o trouxesse ao Capitão Gran-
de, que o mandaria educar. Respon-
deu-me que não de um modo tão
rapido e decisivo, que não lhe falei
mais nisso.

Procurei pelos dois Carajás de nomes
Feliciano e Antonio, que tinham vindo
ultimamente à esta cidade, e que
eu havia apalavrado para descrever
comigo. Aparecerão-me e embarcarão-
-se: e deixamos então a aldeia do
Capitão Antonio. Entendi que me con-
vinha levar estes dois Indios, princi-
palmente porque já principiarão
a falar portuguez e podião servir-
me como interpretes de que tinha
absoluta falta. Fez-me alguma impres-
são o ver que a roupa d'estes In-
dios estava mui limpa e bem trata-
da, e que me perguntarrem somente,
antes de embarcarem, se lhes paga-
ria bem.

Finida no dia 1.º de Novembro passei
pela grande praia contigua as terras
da margem esquerda onde o Capitão
João Leite velho, que deixou por ultimo

os matos da Cana Brava, estabelecera sua aldeia. Mas não se achando presentes ele e sua gente, prosegui sem demorar-me. No dia 2 pelas 7 horas e meia avistamos uma pequena ubá com 2 Indios mal encarados, e feios, principalmente o que pilotava o barquinho, que estava horriavelmente pintado de preto com tinta de fruta de genipapo.

Derão estes Indios demonstração de que nos temião, mas não puderam escapar-nos porque tínhamos 8 embarcações de diversos portes, entre elas algumas muito ligeiras que poderiam cercá-los.

Chamei-os a fala, entendi-me com eles por meio dos Carajás que trazia d'Aldeia do Capitão Antonio, e soube que pertencia a uma aldeia cujo Capitão me disserão chamar-se João Leite. Prontamente ganhei a boa vontade desses miseráveis, dando-lhes fumo e farinha, generos que os Indios Carajás em geral muito atenciosamente aprecião e a que dão pronto consumo.

Disserão os dois Indios de ir a pesca regressarão para a sua aldeia adiantando-se de nós no ultimo quarto de legua. Até então navegarão sempre perto do bote do meu transporte, afastando-se somente (pg 41.) uma vez em que forão a uma praia colher melancia que nos trouxerão.

Chegados a Aldeia a uma hora e meia

da tarde fomos recebidos pelos Indios sem mostras de receio e antes com satisfação, mas observei que o Capitão, sendo muito moço, bem apessoado e bonito, tem um olhar feroz e dissimulado. Distribuiu alguns brindes. Pouco me demorei, não só porque fazia calor insuportavel na praia em que estava, como também porque os meus dois interpretes estavam pouco dispostos a conversar com o Capitão, de quem percebi que não gostavam. E como já tinha feito algumas dadivas e não podia ir além da barra do rio das Mortes, que devia estar perto, despedi-me e prossegui. Com efeito tomei pouso tão perto da Aldeia, na barra superior do rio das Mortes, que o proprio Capitão, alguns Indios e Indias vierão por terra procurar-me e pedir-me o que quizerão.

No dia 3. depois de ter perdido mais de 4 horas com o exame do braço inferior do rio das Mortes, com o do terreno que fica no angulo obtuso formado por esse braço e pelo Araguaia (verdadeiramente pelo braço esquerdo da Ilha do Bananal) avistei pela uma hora da tarde uma aldeia que me pareceu maior que qualquer das antecedentes, e onde percebi muita gente em movimento.

Logo que reconheceu por onde se poderia chegar com o bote junto a praia

(visto que com o rio seco poucos pontos dão ancoradouro comodo) mandei fazer proa para terra. Na aldeia, grande parte dos homens se dirigio as ubás encalhadas na praia e vierão a nosso encontro. Soube posteriormente que um dos indios empenhados em embarcar-se e chegar a fala era o proprio Capitão. Não logrou porem falar-me antes de me alcançarem dois Carajaz vestidos de calça e camisa de algodão americano trançados.

Achava-me n'Aldeia do Capitão Jose onde já disse a proposito da escolha de localidade para o Prezidio, que fora recebido do modo o mais cordial que se pode imaginar. Com efeito o Capitão José deu as mais vivas demonstrações de prazer, procurou me obsequiar-me mostrou desde os primeiros momentos a mais perfeita confiança em mim e na gente, que me acompanhava. Conservou-se comigo até as 10 horas da noite, sempre alegre e risonho. Seus sequases até os ultimos dias se mostrarão sempre com uma singeleza e simplicidade. (pg 42) que admirou. Ficou dito n'outro lugar qual foi o procedimento d'esta gente na tarde do dia 3 quando percorria-nos promiscuamente o terreno, ato em que deixou o Prezidio, e de onde se avista a sua aldeia. No dia 4 de Novembro, estando seriamente occupados no reconhecimento

da localidade, os Índios do Capitão José e ele mesmo nos acompanharão desde as 7 horas da manhã até as 4 da tarde. Voltarei a tratar do Capitão José, quando referir o que se passou depois do dia 9.

Os dois Carapaz vestidos de calça e camisa, que encontrei na aldeia deste Capitão e que conseguirão primeiros do que ele o falarem comigo pertencem a aldeia de outro nome. Mariana situada uma legua abaixo. Estes dois Índios são irmãos, ambos alegres e prestáveis. O mais velho que se conhece pela denominação de Sargento Joaquim, já veio a esta cidade, é mais inteligente que o outro, curioso e loquaz. Mostrou este Índio o maior empenho em agradar-me, e com efeito desde os primeiros momentos agradeceu a todos porque nos fez perguntas, que revelarão bastante viveza e apresentação, procurou convencer-nos de que conhecia nossos usos perguntando-nos se trazíamos cornetas, e arremedando toques. E como percebemos que estávamos servindo de interprete consideramos de grande vantagem tê-lo em nossa companhia. Compreendi que este Índio desejava para sua aldeia o amparo do Presídio, assim como o Capitão José para o seu domínio. Quando este do alto do morro procuraria fazer-me ver as proporções dessa localidade, o Sargento me apontava e gabava os matos do lado

oposto. Nenhum dos dois porém me pareceu tão empenhado que me fizesse recuar que se desgostaria de minha decisão.

Os dias 4 e 5 passarão-se em procura e reconhecimento de matas. No dia 5 o Sargento Carajá repartiu em duas a escolta que lhe dei constante de soldados de minha comitiva e do Presidio, escolhidos por conhecedores de matas e terras, juntou a uma das escoltas o irmão e seguiu com outra.

Decidi neste dia que ficaria o Presidio na terra da esquerda e as roças na ilha. Esta decisão filha das proporções do terreno agradou aos índios todos, que então compreenderão que nossa proteção não seria injusta e exclusivamente concedida a um de preferencia á outros.

Quando atravessava o rio para ir a Ilha do Bananal, achei na praia mais proxima do ponto em que devia desembarcar, quasi toda a gente da Aldeia do Sargento, que talvez supondo que eu não (pg 43) desceria além, vierão esperar-me para receberem brinde. Estava com eles o Capitão Mariano.

Porém este chefe nada sabendo de nossa lingua, parecendo-me bem disposto, mas grandemente estúpido, nada pedia para si nem para os seus.

Era nesta parte mui lucrativamente substituido pelo Sargento Joaquim que seguro de minha boa vontade e cheio de confiança nos serviços

que estava prestando, pedia imperativamente (permitta-se-me a expressão que parecesse absurda) que desse contas, facas espelhos, tezouras, fumo e farinha.

Comada a deliberação de estabelecer o Prêzidio na localidade de que tenho falado, tive de prosseguir, pelas razões que já dei n'outro lugar.

Naveguei por isso na tarde do dia 5 até a parte inferior da vastíssima praia em que o Capitão Mariano coloca a sua aldeia no tempo seco.

Nosso pouso ficou distante da aldeia um quarto de legua, mas isso não obsteu a que eu fosse visita-la e a que os Indios mais sociaveis, e alegres voltassem comigo e se demorassem até a meia noite. Não estavam presentes todos os subditos do Capitão Mariano, faltarão 18 pessoas, entre homens e mulheres, e menores. Contei presentes 37 homens, 33 mulheres, 19 menores do sexo masculino, sendo 4 de colo, e 9 meninas total incluídos os 18 ausentes 116.

A Tribu Carajá e talvez todas as outras, que habitão os vastos e desconhecidos sertões da Provincia, não so vive em desinteligencia com as outras tribus, principalmente com o Chavante, que occupa a margem direita do Araguaia, como tambem se acha enfraquecida pela subdivisão em pequenas aldeias,

que não entretêm relações amigáveis entre si.

Entre algumas chega a existir inteiro afastamento e inimizade fixada.

Observei que os Carajás da primeira aldeia que vinhão em canoas de minha comitiva, quasi se negarão, a falar do Capitão João Leite do rio das Mortes; observei mais que o Sargento Joaquim e seus irmãos da Aldeia do Capitão Mariano visitão-se e tratão com outros do Capitão José, mas que os dois Capitães não se chegam um para outro.

Reconheci que esse afastamento existe entre os Indios da Aldeia do Capitão Mariano e os d'outras aldeias situadas mais a baixo. Nesta parte os Indios da 1.^a Aldeia fazem coro com as do Capitão Mariano. Na noite do dia 5, dando eu ordens para proseguirmos de rio abaixo no dia seguinte e falando sobre isto aos meus Carajás interpretes, o de ~~nome~~ ^{nome} Antonio recusou; disse-me que não descesse mais, perguntou que mais eu queria. O Sargento tambem empregou (pg 44) a mesma linguagem. Deixei-os e só levei comigo o Carajá de nome Feliciano. No dia 6 na parada para almoço este Indio informou-me de que os outros, que não quizerão continuar da viagem, se terião de chegarem a outras aldeias, e informou-me de que alguns de seus parentes, que vierão da Lana Brava, tem andado

a espalhar que o Presidio tinha por missão aprisionar mulheres e crianças. O Comandante do Presidio entendeu que seria bom distribuir munição ou regressar logo d'esse ponto para verificarmos se por acaso estávamos traídos pelos Indios da Aldeia em que pousáramos. Opuz-me a ambas estas ideias, e dei ordem para proseguirmos.

Teríamos andado uma legua, quando começamos a avistar uma grande aldeia. De repente dois Indios que estavam na praia dispararão a toda carreira para junto das palhoças. Imediatamente appareceu na frente destas fragéis habitações os respectivos donos.

Entendeu o Comandante do Presidio que não devíamos aportar e que era necessario armar a tripulação.

Opuz-me de novo com franqueza e confiança na amizade que me mostrava. Deliberei saltar só em terra com um soldado, passei do bote para uma montaria afim de chegar facilmente a praia e convenci-me de que o Comandante tinha bastante coragem porque não quiz deixar só e acompanhou-me sem perda de tempo. Ao passo que assim obravamos adiantarão-se seis Indios que nos vierão falar, e então reconheceu-se que o melhor expediente era não lhes dar a mais pequena demonstração de receio.

-Conversando com os Indios soube que o Capitão d'Aldeia que se chama Ignacio não estava presente. Dei alguns objetos aos Indios e tornei a bordo do meu bote tres que se acharão ali de passeio. Com eles prossegui até a aldeia a que pertencem. Passava-se isto na tarde do dia 6 pelas 3 horas. Prosequiamos nós de rio abaixo já deenganados do nenhum fundamento que tinham os avisos a respeito da bravaza dos habitantes das aldeias inferiores. Pelas 4 horas começou a ventar impetuosamente do rumo do Norte: então as pequenas embarcações não podião marchar sem risco de serem alagadas: o bote do meu transporte andava apenas cinco braças por minuto. Assim lutamos até depois das 5 horas que foi quando principiou a amannar o vento e a desaparecerem as ondas. Tinhamos entretanto sido percebidos pelos Indios d'Aldeia proxima a que pertencião os (pg.45) tres Carajaz, que trazia a meu bordo. Com o favor de nosso vao gar levantarão seu acampamento, e descerão em duas ligeiras ubás, deixando só uma palhoça, e uma ubá encalhada na praia. Fundeamos no lugar da aldeia: os Carajaz, como que envergonhados da conduta dos seus, confirmaram minhas suspeitas de que haviam eles fugido por medo. Propuz-lhes então que fossem falar á sua gente, que os dissuadissem de tal modo de nos conciderar. Acuitarão a

incumbencia e pedirão-me que lhes emprestasse remos. Servi-os imediatamente, e vi-os partirem com muita alegria, sem fazerem caso do que deixavão na praia em nosso poder. A noite que logo se seguiu, começou escura e chuvosa. Estavamos dissuadidos de prosseguir à procura de melhor localidade, e à vista da linguagem uniforme de toda gente, que me acompanhava, deliberei que se regressaria d'este o amanhecer seguinte. Tratavamos deste e já não esperavamos os nossos tres emissarios Barajaz, quando percebemos que demandavão a praia quatro ubás de diversos portes, cheios de Indios.

Chamei o meu interprete Feliciano que prontamente reconheceu entre os Barajaz seu pai, o Capitão Ignácio, notavel por trazer na mão uma espingarda velha. Travou-se entre pai e filho conversação animada, que me deixou perceber quanto o Capitão estava possuido de curiosidade. Pouco depois cessando de falar a seu filho, dirigio-se a mim e começou no mais estropeado portuguez a pedir-me tudo quanto desejava para si e para seus vinte e quatro companheiros que nos rodearão. Apresentou-me com recomendação, 3 outros Capitães e um moço que me disse ser filho do falecido Capitão Lobo: de todos se

constituiu procurador.

Quasi toda a gente que me acompanhava não gostou desta visita, que entretanto era inevitável, por que estes Índios andavam á pesca e poderiam encontrar-nos em horas mais adiantadas, e até causar algum sobresalto. Ordenei que se lhes desse comida declarando que só no dia seguinte lhes daria contos e rosários, e principalmente facas exceptuados os Capitães e o Cadete hebo a quem brindei com rosários, espelhos e tesouras. Enquanto isto se passava, chegarão outras ubas, e entre ellas a dos meus emissarios, que me trouxerão uma grande panela cheia de enormes pedaços de peixe cozido de que me fizeram presente. Pelo correr da noite verão chegando os moradores do lugar, que trazião as ligeiras tendas de palha. Precisadamente (pg 46) arrancadas quando perceberão nossa aproximação. Se bem que o Capitão Ignacio nos inspirasse confiança, todavia o numero de Índios crescia com a noite, não era possível ce-nar as boas disposições dos que obedecião a outros chefes, e por consequência retirou-se a noite inteira. Logo que clareou o dia distribui brindes e dei ordem para o regresso. Satisfiz os emissarios, que nos haviam conselhado a boa intelligencia com os seus companheiros, quanto lhes era grato, e dei-me-os comditamente satisfeitos. Já convolta o velho Capitão Ignacio para trazer-me a bordo de meu bote até sua

aldeia, quando ele mesmo sem dar-me tempo, anunciou-me o seu desígnio.

Recebi-o como devia, e reparei-no a propósito com que me fez perguntas por ver-me com diário de viagem, relógio e agulha. Durante . . . que viajamos, deu-me notícias, e informações curiosas acerca de outras aldeias, de Carajás, de Chavantes e de Jarahes. Não passamos um lago, um campo, um mato, de que me não decesse alguma coisa. No almoço aceitou a comida que apareceu sem a mais pequena repugnância. Os outros Carajaz em geral não comem o que está temperado com sal, nem certas carnes e certos peixes. Custa a crer que homens taes, como o Carajaz, tão pouco dados ao trabalho, e que vivem por tanto urgidos de necessidade, sustentando-se dias e dias de frutas bravas e de côcos, não comão carne de veado, nem os peixes grandes de couro como são a piratinga e a pirarara. Regitam estas comidas, e aceitam com prazer o feijão cozido sem sal e a farinha quer de milho, quer de mandioca. Chegados a aldeia do Capitão Ignacio foi-me preciso desembarcar e distribuir brindes, por quanto na vespera não o tendo achado, havia somente obsequiado aos que não vierão ao porto de desembarque. Por ocasião da distribuição de brindes é que pude contar n'esta aldeia 48 homens inclusive alguns maiores de 16 anos que pare-

ções menores de 20; trinta e cinco mulhe-
res, 11 menores do sexo masculino e 10 do outro.
Estando ausentes, segundo me informou
o Capitão 13 pessoas, sendo 8 homens e
cinco mulheres. Total dos habitantes da al-
deia 117. Percorrendo as palhoças observei
que a do Capitão Ignacio se distinguia
não só das do seus sequazes, como das
dos outros chefes, n'outras aldeias, pela or-
dem e assiso que só n'esta encontrei.

As cabanas de que usão os Carajaz são de
duas aguas, quasi todas de beira no chão.
A do Capitão Ignacio é (pg 47.) a maior
que vi. Os moveis que havia erão quasi
todos novos ou bem tratados. A armadei-
ra dos Carajaz consta de arco, e flechas,
cacetes e lanças feitas com ossos amo-
lados e engastados em hastes de madeira.
As flechas de que geralmente usão e de que
estão sempre providos são as proprias pa-
ra caçadas de aves ou de peixes, as quais
diferem das que se empregão nas caçadas
de quadrupedes, porque as primeiras ter-
minão em vareta aguçadas simples-
mente, ou armada de uma farpa de
osso, as outras terminão em lamina pon-
te-aguda, feita de taquara ou de madeira
meira tucum. De todas essas armas
tinha o Capitão Ignacio provisão e en-
tretanto encontrei-o com uma espingar-
da velha, que ha seguramente 10 anos
não dá fogo. O Capitão Ignacio não
sendo a primeira vista alegre, e pra-

zenteiro é todavia um dos mais importantes chefes, cuja amizade nos convenha segurar. Nenhum dos outros tem tanta propensão para aceitar nossos usos e abraçar nosso modo de viver, nenhum deseja tanto como ele andar vestido e melhorar de arromamento.

Não tendo roupas para dar-lhe, tomei de soldados ~~(de soldados)~~ de minha companhia um vestuário que lhe dei e que foi aceito com tanto gosto que imediatamente a poz em si. Ao desembarcarmos na Aldeia o Capitão foi rodeado pelos seus que não ocultarão a inveja que dele tinham. Então o Capitão me disse que sua gente havia de estimar muito que eu lhes desse roupa e que antes queressem isso do que rosario e missangas. Brindei pela ultima vez ao Capitão Ignácio e despedi-me dele dando-lhe ferramentas um pequeno resto. Quando deixei este Indio refleti que era o primeiro que me impuzera respeito.

Tendo enchido o rio muito consideravelmente e sendo de recear que se tornasse cada vez mais trabalho nosso regresso, não quiz pernoitar na aldeia e subi ainda cerca de tres quartos de legoa. No dia 8 alcancei ao amanhecer a Aldeia do Capitão Mariano, que em consequencia da enchente se havia mudado. No dia 3 chegamos ao ponto do Presidio. Um dos meus primeiros cuidados foi saber se o Capitão

José também se havia mudado. Verificou-se que sim, porque a maior parte da vasta praia em que se achava sua aldeia estava debaixo d'água. Essa despo-voação realizada tão depressa, o desaparecimento das praias, e de certos passaros que as povoarão no decorrer (pg. 48.) do dia, a mudança da cor d'água, a invasão de nuvens e nuvem de mosquitos, principalmente nos lugares sombrios causão esta impressão de tristeza difícil de combater. A melhor diversão que se pode achar é o cuidar nos meios de viver comodamente no teatro em que se operão essas rápidas mudanças de sena. Para isto presta-se otimamente a localidade em que se acha o Presidio.

Logo que for possível pernoitar-se no alto; onde se começarão as construções passarão-se noites agradáveis sem o flagelo dos mosquitos, gozando-se de ar puro e de uma temperatura que sempre achei, 3 a quatro graus centígrados mais baixa que no posto de embarque. Esta diferença é quasi constante: ainda mais nas horas de sol quente, o termometro colocado na sombra perto do caes e no lugar do Arraial, apresentou uma diferença que orçou entre tres a quatro graus, resultado que não é devido a diferença da altura barometrica, que não poderia produzir a de um grau termometrica,

mas sim ao diverso modo de absorção e de irradiação dos raios solares.

Logo que amanheceu o dia 10 fiz que partissem duas montarias para caça e pesca, uma de rio acima outra de rio abaixo, com a incumbencia de fazerem constar aos Indios das Aldeias vizinhas, mais ou menos internados nas matas da margem esquerda que já estávamos de volta. Parece-me que nem o Capitão José nem o Sargento Joaquim da Aldeia do Capitão Mariano tinham dado inteiro credito ao que lhes havia dito, isto é que prossequia somente para escolher melhor localidade ou para enganar-me de que tão perto não haveria.

Infelizmente os Indios não nos julgão muito sinceros e esse juizo fa-los suporem-se com o direito de reciprocidade. A montaria que subiu encontrou o Capitão José que voltava da pesca para sua aldeia removida para um porto mais alto da mesma praia em que estivera, mas que ficava encuberto do Presidio. Apareceu-me o Capitão pelas 10 horas da manhã, tão alegre, tão satisfeito que me confirmou na minha suposição. Deu-me a metade do pirarucu, que havia pescado, e passou o dia dando-me repetidas mostras de interesse e amizade. Pelas 11 horas da

manhã chegando uma porção de palha de buriti, e dizendo-me os carregadores que não acharão com abundância no (pg 49:) lugar onde haviam ido, percebeu o Capitão que eu estava contrariado com essa notícia, e me asseverou que havia muita indicação as direcções por onde se devia seguir a procura desse artigo. Com efeito achou-se exato o que ele dizia.

No dia 11 appareceu o Sargento Joaquim que se mostrou contente e alegre por nos ver já com principios de arranchação. Partiu para sua aldeia incumbido de trazer-me bananeiras, rama de mandioca e canas para plantação. No dia 12 veio pela segunda vez o Capitão José que me trouxe um presente de peixe, e que voltou cedo, prometendo me vir dai a dois ou tres dias. Porém no dia 13 amanheceu no Prezidio com duas ubás carregadas com caixos de banana de diferentes qualidades. Sempre risonho, dezejando conversar sem interprete rindo-se toda vez que não era percebido, e que se via obrigado a procurar algum rodeio para se fazer entender, como nos acontecia para que ele nos entendesse. Tendo-lhe eu dito que dezejava ir ver suas roças, convidou-me neste dia para irmos, porém não me era possível arredar-me e estava fisicamente impossibilitado de andar a pé, talvez 2 leguas e

não mais. Tinha lhe proposto por vezes a vir comigo a esta cidade, e a única condição que me impoz foi o ficar o Presidio perto da sua aldeia, condição que não influencia sobre minha decisão, mas que revela a sinceridade d'este Indio, e prova que deseja estar abrigado por nossa gente.

Nestas disposições não é difícil torna-lo útil a sociedade brasileira.

No dia 14 pelas 6 horas da manhã chegou o Sargento Joaquim com duas grandes ubás carregadas de bananeira, rama de mandioca e cana. Deu-me muitas desculpas por não trazer outras sementes, que eu poderia.

Obsequiei a Todos seus companheiros, e como adiasse para depois do almoco a entrega do que destinava para ele, só que justamente devia ser uma dadiwa muito maior, fui chamado de parte e interrogado em tom severo pela suposta injustiça de não contempla-lo na partilha que havia feito. Expliquei-lhe prontamente o meu procedimento, e ainda uma vez reconheci quanto são eloquentes as razões douradas.

Pelas 8 horas e meia apareceu-nos vindo por terra um Capitão desconhecido de nós Todos, acompanhado de 8 sequazes. Serviu-nos de interprete o Sargento Joaquim. Soube (pg 50) que a Aldeia deste Capitão costumava ser entre as dos Capitães Mariano e Ignacio, mas que já

e haviam retirado para os matos quando passei pelo sitio d'ella. Brindei generosamente a este Capitão, que me pareceu ser muito docil e naturalmente inofensivo: deixou-nos pelo meio dia, regressando por terra como viera. Ao anoitecer, estando eu e o Comandante do Presidio a bordo do meu bote, trouxeram-nos levemente a noticia de que erão chegados muitos Indios Chambioaz (isto e Carajaz) de além da Ilha do Bananal, e da margem direita) que vinhão atacar o Presidio. O Comandante do Presidio quiz que immediatamente reunir a gente, porem opuz-me e procurei tranquiliza-lo, dizendo-lhe que era melhor tomar-mos primeiramente café, para depois brigar-mos. H. No entanto mandei ver por pessoa segura quantos eram os indios, e soube que não passarão de 7. Ordenei a minha comitiva toda vigilancia nas canoas, e subi com o Comandante do Presidio, levando somente comigo dois Soldados escolhidos, e o sargento Carajá. Procurei os Indios, que achei sentados perto da casa grande que se estava a concluir. Percebendo o desassossego do Comandante, que nunca faltando a politica e urbanidade para comigo, havia mandado tocar chamada, e estava reunindo as praças da guarnição com açodamente como se tivesse de resistir á um assalto; entretive-me com os Indios e fiz com que o Sargento Carajá

lhes propuzesse a troca de todos os arcos e flechas por facas. Prestarão-se facilmente os Carajás a essa troca não obstante se lhes disser que as facas só lhes seriam entregues no dia seguinte.

Imediatamente que houve a mim os arcos e flechas, mandei mostra-los ao Comandante e recolher ao ranchinho em que nós dois dormia-mos. Mandei dar comida aos Índios, dei-lhes logo rosários, e contas miudas; e deixei-os confiados ao nosso intérprete e a um soldado.

Achando-me bastante fatigado procurei meu rancho, e me dispunha a escrever as occurrencias do dia, quando ouvi que se perguntava ao Comandante ~~quando~~ "então nesse caso posso fazer fogo?" Imediatamente sai-me e dirigi-me ao Comandante disposto a impedir quanto pudesse a concessão de semelhante arbitrio as sentinelas. Para incurrir di (pg 51 ?) rei somente que consegui uma reforma nas ordens já dadas, que se proibisse expressamente o fazer fogo, e que não fosse guarda (com gente do Presidio) para o porto de embarque.

Fiz que o Sargento Carajá levasse os Índios para o caes e encarreguei-me de mandar fazer guarda com gente minha, para o que mudei de pouzada, e recolhi-me a bordo do meu bote.

Pezei ainda uma vez os inconvenientes de minha posição sem ter jurisdição alguma no Presidio, e entendi

que era necessario fazer sentir ao Coman-
dante do Presidio quanto seus receios erão
infundados e quanto suas medidas de
vigilancia poderião ser prejudiciais.

Desenvolvi estas ideias em conversação
e no officio que lhe deixei e de que junto
copia! Cabe dizer n'este lugar, o Coman-
dante de Santa Izabel portou-se sempre
muito bem para comigo, mas reconhe-
ci nele a qualidade de ser credulo em
tudo quanto se lhe atribue aos Indios.
Receio portanto que o Presidio venha a
sofrer, tanto o mais que a guarnição es-
tá mui fraca, mal armada, e por
diversos motivos descontentes.

No dia 15 fui visitado pelo Capitão João
Weite velho, em cuja aldeia não havia
portado quando descia. Este Capitão apre-
sentou-se-me fardado, e deixou-me na
convicção de que nunca nos será hostile.
Dei providencias para meu regresso
e sahi do Presidio no dia 16.

Foi no dia 19 que cheguei á Aldeia
do Capitão João Weite velho, de quem
recebi visita no dia 15. Tendo o obse-
quiado largamente a ele e aos que o
havião acompanhado fui recebido com
muita alegria e muitas esperanças.

Sabendo que estava n'uma das palho-
ças o Indio Termino, pedi que o chamassem.
Immediatamente appareceu-me. A conver-
sação que com ele travei, durou duas
horas. Avaliando o alcance que pode
ter a boa ou má vontade d'este Indio,

esforcei-me quanto pude para trazê-lo comigo, porém quando já o havia abalado e o considerava disposto a aceitar as roupas que lhe dava para vestir-se e embarcar-se um dos Índios, irmão do Capitão, a quem ele comunicara minha pretensão fez-lhe um sinal dissuasório, que destruiu minha obra. Prometeu-me porém que n'outra viagem me acompanharia, quer na subida, quer na descida, ou regresso para a Capital. Para se fazer ideia do que pensão a nosso respeito os Carajás e para se com- (pg 52) compreender o que se pode esperar d'elles importa ouvir-se do Carajá. Termino conhecedor de nossa lingua de nossos costumes, e de nossas fraquezas, selvícola apaixonado, inteligente e loquaz, destre em fazer-se o conselheiro dos outros Índios, em summa um verdadeiro missionario de contra catequese.

Numa conversação de duas horas ouvi queixar-se da escasez das dadivas, que fazem aos Carajás, do abandono em que viverão na cana brava e da preferencia que se dava aos bhavantes. Perguntou-me empunhadamente se era certo que estavam a descer dois botes com gente armada para prender meninos, e declarou-me que ele e seus companheiros foram ameaçados com esse castigo, se se retirarrem da Cana Brava. É desnecessario referir o que

disse á este Indio, basta asseverar que fiz quanto pude para trazê-lo com o fim de conquista-lo de uma vez para a cauza do Governo pelo emprego de dadi-vas e de um tratamento que o confun-disse. No dia 20 cheguei a Aldeia do Ca-pitão Antonio onde devia deixar os dois Carajaz que levava. Dezejando trazê-los para por eles remeter algumas roupas ao Indio Firmino e aos Capitães José Ignacio e do Sargento Joaquim, não pu-de conseguir a indispensavel permissão do chefe da Aldeia, que ainda uma vez se acartelou no seu favorito argumen-to do não querer das mulheres. Tendo-me os dois Carajaz declarado que estavam muito contentes comigo, e que de bom grado virião se o Capitão desse licença, insisti com ele; e vendo o pertinaz, dis-se-lhe calorosamente que correspondia muito mal aos favores que de nós re-cebia. Falei de um modo proprio á fazer-lhe sentir que me angustiava a sua recusa. Mas, quando esperava que respondesse fora de proposito, ouvi uma resposta que me revelou quando os Indios são rancorosos e capazes de guardar queixas: disse-me elle, que os Soldados (assim chamão; os seus se-quazes) estavam contentes comigo, porque eu lhes havia pago generosamente o trabalho. Mas que os outros não fazião o mesmo; contou-me que tendo vindo á cidade esses mesmos dois Indios

remando n'uma canoa, o patrão lhes negava uma baeta no fim da viagem, e so dava a cada um, calça, camisa, faca e chapéo. Falou-me na impunidadade do ultimo atentado dos canoeiros, e disse-me que a gente era pouca e que não queria ficar fraco.

[pag 52]

Mudei de conversação e despedi-me. Combinando tudo quanto observei n'esta Aldeia e nas outras, principalmente na ultima que foi abandonada quando nos avistarão e na do Capitão João Heite velho, na qual se ouve religiosamente o que prega o insigne Firmino; reconheci que em geral os Carajaz receião aggressões e violencias de nossa parte, e que aqueles, que se retirarão da Lana Brava e que devem estar convencidos do pouco fundamento de taes receios, são todavia os que mais o nutrem e propalão, talvez com pouca sinceridade. As excepções à regra geral são o Capitão José d'Aldeia mais proxima do Presidio, o Sargento Joaquim d'Aldeia do Capitão Mariano e o Capitão Ignacio. O Capitão José dotado de um perene bom humor nada teme, vive na mais perfeita seguridade. O Sargento Joaquim que tantos serviços me prestou, já como interprete, já como noticiador de matos e terras de cultura, já como agente para aquizição de plantas, tem a mais decidida propen-

ção para viver em harmonia conosco.
Se os dois irmãos podem fazer que nos
seja conservada a amizade e boa vontade
de do seu chefe, o Capitão Mariano, que
me pareceu estúpido ou idiota, porém
manso e propenso a paz. Segue-se o
Capitão Ignacio, cuja aldeia está quatro
leguas abaixo Presidio. É este velho inteli-
gente e refletido quem nos pode prestar
o serviço de operar uma barreira aos
Carajaz mais remotos: é ele quem po-
de ir pouco a pouco destruindo entre
essa gente os receios e a repugnancia,
que tem para conosco os Índios da re-
dondeza. Referia-se quotidianamente
no Presidio de Santa Izabel, que as
visitas que recebemos na noite de 6
de Novembro em que nos appareceu no
pouzo o Capitão Ignacio e mais tarde
tantos outros Índios, que nunca largar-
ão as armas, tinha por objeto um
assalto e que foi este velho que des-
viou a tempestade. O certo é que nele
reconheci prudencia, e que não obsta-
nte a seguridade que sempre me es-
forcei por incutir na minha comitiva
seria possível um conflito, se apare-
cesse qualquer provocação da parte dos
Índios, porque nossos Soldados pagão
na mesma moeda o odio que devem
aos Selvagens e desejão pela maior par-
te tirar desforras de ofensas passadas,
sofridas pessoalmente ou havidas por
tradição. Considero inofensivos os dois

Capitães, Antonio e João Leite velho e os moradores da Cana Brava, mas a (pg 54) boa vontade d'estes não pode ter o alcance da dos outros, em cujas aldeias haverá alguma suspeita contra nós, porém não se fazem queixumes. Os Carajaz bravos aceitam qualquer dádiva que se lhes faça; alguns dos que voltarão da Cana Brava pedem com grosseria, ou antes exigem de nós o que lhes parece. Um destes Indios de nome Manoel coco percorre as outras Aldeias, na diligencia de indispor contra nós os outros Carajaz, a fim de fazer valer a mansidão, e boa vontade dos seus coaldeados.

Esta maxima é a que percebi no Indio Turmino.

O Capitão José e seus sequazes receberão-me com a mais viva alegria, subditos do Capitão Mariano nos prestarão serviços; uns e outros me obsequiarão com presentes e querem o Presidio na vizinhança. Os miseraveis que regressarão da Cana-Brava, não quizerão acompanhar a guarnição e o seu mais antigo chefe, negou-me obstinadamente a licença para virem até a Capital dois moradores de sua aldeia. Em minha humilde opinião é este o resultado da catequisação direta, empreendida com meios pecuniaros, escassos e sem perseverança. Tratando-se de aldeias os Indios Carajakis ou Carajaz habitantes

das margens do braco grande do Araguaia que bñha pelo ocidente a magestosa Ilha do Bananal; parece-me necessario tomar-se em consideração: 1º que o numero d'esses Indios é muito maior do que se calcula com as poucas informações ate hoje colhidas: 2º que falta dos Capitães das Aldeias a força moral necessaria para arrastarem seus sequazes a seguirem outra doutrina, outro sistema de vida; 3º que sua negação á trabalhos regulares, negação que os distingue dos demais selvagens, ha de apresentar serias contrariedades. O censo da população Carajahi, feito no rigor do inverno, por viajante que precisa dar fim a sua viagem, ha de necessariamente ser inexacto, e ficar muito abaixo da desejavel aproximação. Logo que entra a estação chuveza e que começa a submersão das praias que occupão durante a estação seca os Carajahuz procurão suas pequenas roças na margem esquerda do Araguaia e não deixão vestigio algum por onde o viajante possa reconhecer que occuparão á pouco, este ou aquelle sitio.

No tempo seco, descobertas as grandes praias, tornando-se ^{pr. 55} facil a pesca, afluem estes selvicolas, e então pode-se na marcha de um dia ver duas aldeias, tres e até quatro. De ordinario as palhoças são em numero de 10 a 12 em cada aldeia; mas, cada palhoça abriga oito a 12 individuos de diversos sexos e idades.

Ora pelo que vi e pelas informações que colhi, e que espero verificar, marchando em tempo oportuno, calculo que existem trinta e duas aldeias de Carajahiz.

Dando a cada uma a população media de 100 almas, temos que existem cerca de trez mil Indios d'esta tribu.

E quando so um quarto de homens capazes de tomar arma poder-se-hão de computar 750 guerreiros.

Se toda esta gente se achasse reunida de baixo de um só chefe, ou de poucos chefes estreitamente federados, seria mais respeitavel a sua força, e mais para temer-se a ma vontade que nos tivessem. Mas tambem seria mais facil arranca-los de uma vez á barbaria. A autoridade dos Capitães nas Aldeias é atualmente quasi imperceptivel.

Nem nos trajes ou nos enfeites, nem na forma da habitação se acha a mais leve differença, apenas observei que em todas as Aldeias a palhoça do Capitão está collocada á esquerda de todas as outras. É um principio de castrametação conforme a sua ordem de batalha. Nalgumas aldeias o Capitão é quem se apresenta com maior numero de rozaños ao percosso, e com outros ataricos; porem, isso é o resultado de ter sido por nós mais obsequiado que qualquer de seus subditos. É verdade certos Capitães mais preocupados com a aldeia de sua importancia, chegam-

se a nós acompanhados de dois arqueiros ou porta lança, e porta arco, que o acompanham marchando um de cada lado. Porém os Capitães mais penetrantes e que nos procuram com urbanidade aparecem-nos só desarmados. É preciso que se trate de perto com um Capitão ou com Índios de uma aldeia para se descobrir a quanto chega seu poder. Nas relações exteriores, isto é conosco o Capitão é quem tudo faz, tudo decide, mas, ainda assim não é preciso a sua intervenção e muito menos o seu consentimento para que o súdito dê, reciba ou permuta. Neste ponto tem os Índios inteira liberdade, porém não nos poderão acompanhar, ajuntar seus serviços conosco, sem que o Capitão maduramente reflita e lhes dê permissão. Saída da aldeia para ir á caça ou a pesca, embarcar-se para ir a outra (pg 56) aldeia, são atos ordinarios em que o Capitão não intervem. Neste estado de coisas as punições são rarissimas independentemente de serem poucas as ocasiões para os delitos. A mudança para outra aldeia tem sido e é atualmente o meio empregado pelos reos que se querem subtrair á castigos. A extradição não é conhecida, mas, infeliz do reo se algum dia for apanhado.

Nalguns chefes o habito de serem a primeira autoridade embora fraca da certa nobreza que os distingue dos outros;

vi porém alguns tão plebeos, que custou-me a crer que tivessem entre os seus a mais pequena consideração. Na relação das aldeias entre si já disse o que observei: afastamento entre alguns chefes, afeição entre outros.

Em geral o que domina é o principio da discordia. Reduz-se o principio da união da tribo Carajá á uniformidade de linguagem e de assignalamentos, e circumstancia de lhe serem hostis as hordas de Canoeiros, que percorrem os terrenos da margem direita e as de Chavantes que occupão as zonas paralelas do rio Araguaia.

O estado de hostilidade em que vive a tribo Carajá com a tribo Chavante, principalmente é uma vantagem para nós, mas cumpre atender a que entre todas as diversas tribus somos nós encarados como o inimigo comum. A destruição do Presidio de Santa Maria foi operada pelas forças reunidas de Carajá e de Chavantes, entretanto que as ofensas, os atos de barbaridade que derão causa ao ataque do Presidio foram praticados contra Carajá somente.

Tendo me occupado em colegir informações para escrever uma noticia histórica d'este triste successo, e pretendo apresentar meu tosco trabalho ao governo de Sua Magestade Imperial para que julgo que dará luz para bem

reconhecer-se o caminho que se deve trilhar no trato com os selvagens de diversas hordas. Tudo me induz a crer que a tribo Carajá atual é descendência de alguma Nação que habitou e que talvez vivia florescente na região do Amazonas, e que acossada por inimigos poderosos ou recabeada por forças maiores, na época da descoberta e ocupação pelos Portuguezes, subiu o Araguaia e abrigou-se nas margens deste rio. No correr deste seculo varias hordas de Canoios, Chavantes e Herentes tem percorrido vastas porções do territorio (pg 57) de onde vertem as aguas para o Araguaia. Outro tanto não tem feito os Carajás. Nenhum momento, nenhum vestigio de antiga sede de seu poder, nenhuma tradição historica, nada absolutamente atesta que o solo hoje occupado tenha o sido desde muitos seculos. Parece antes que estes Indios são os destroços de uma Nação, os quais acharão a região do Araguaia, occupada por hordas numerosas, aguerridas e conscias de seu poder. Se assim succeder, a extraordinaria subdivisão em que se acha a tribo Carajá é a consequencia necessaria do estado abarquico em que se viu e da necessidade de ocupar, como occupa uma faixa de terreno longa e ao mesmo tempo estreita. Os chefes de Herentes, poderosos contão seus subditos por milhares, Os chefes Chavantes contão nos por centenas. O Carajá por dezenas.

Seria portanto preciso muito maior trabalho para tirar esta tribo da barbaria do que se toda reunida ouvisse e seguisse a um só chefe, que gozasse de influencia e de consideração. Na tribo Carajá tais chefes são impossiveis, porque não se apresentam occasiões em que a coragem e a inteligencia se possam distinguir. Os Carajabiz são a parte da tribo Carajá que habita as margens do braço grande do Araguaia. Esta differença na denominação é hoje empregada por nós somente; os Indios atuais a desconhecem, e todos se dominão a si proprios - Carajaz. Sendo as diversas aldeias de Carajaz e de Carajabiz o resultado da subdivisão de uma grande tribo, com o andar dos tempos e mediante a irrecusavel influencia do solo sobre o fisico e sobre o moral do homem ja se observa alguma differença entre os Carajaz aldeados no braço grande do Araguaia e os que habitão na região acidentada das cachouiras entre Santa Maria e Carreira Comprida. Estes são menos esquivos ao trabalho, e podem tornar-se habitualmente agricultores. Os outros não trabalham quasi absolutamente. Quando entra a estação seca e começam a ficar descobertas as vastas e inumeraveis praias do Araguaia, afluem das matas os Carajaz que com 3 varas e um môlho de palhas levantão em dous minutos suas

choupanas. As mulheres carregão as esteiras e as grandes panelas ou caldeiras de barro que fabricação com esmero.

São ligeiramente obrigados da insolação direta, passão o dia deitados sem a menor occupação a horas determinadas, tendo apenas o cuidado (pg 58') de dias a dias de matarem alguns peixes ou aves e de colherem algumas frutas silvestres. Quase todas as Aldeias tem uma pequena roça em que se plantão batatas, carás e milho, e onde ha um pequeno bananal. Mui poucas são as que tem um pequeno canavial, e que crião galinhas. Em Junho o produto das roças plantadas em Setembro ou Outubro antecedente, e nunca recolhido á um celeiro, está devorado. De Julho a Março ou Abril seguinte (tempo da maturação do milho) a alimentação consta de frutas bravas, da caça de aves e da pesca. No rigor do inverno passão a côco e genipapos. A industria dos Carajaz reduz-se a mui pouco: farinha e esteiras; preparão seu armamento, e flores de penas, para as orelhas; e para enfeitarem seus arcos. Os homens vivem inteiramente nus, as mulheres cobrem com uma tanga tecida de palha os orgãos sexuais. Esta mesma industria é abandonada, toda vez que podem obter dos Jarahes e dos Capirapés os objetos de que precisão, dando em troca as facas e os rosarios de que nos recebem. Todos trazem pen-

dente de labio inferior uma pedra ou um pedaço de casca. Dos Tapirapes obtêm eles pedra polidas de de forma cilíndrica terminadas por um botão na extremidade externa, e por uma pequena travessa na extremidade interna, afim de prender-se no rasgo praticado no labio inferior. A pedra porém não é um mero ornamento, pelo contrario parece-me ser uma necessidade da lingua, ou um meio de facilitar a pronuncia de certos sons, tanto que quando falão nossa lingua, e se querem exprimir bem, ou tirão a pedra, ou apoião com os dedos o labio inferior contra os dentes da ordem correspondente, Ora sendo os Carajás tão pouco industriosos tão propensos á ociosidade, está visto que se hão de esquivar de adotar os nossos costumes. Embora vivão miseravelmente, e não tenham adquirido o mais pequeno aperfeicoamento, embora n'esse viver brutal acabem todos antes de chegar á velhice como acontece e se conhece por se não encontrar um so homem com visos de idade avançada; essa gente está atualmente muito longe de poder compreender as vantagens de abandonar seus habitos pelos nossos. Acreditar que por meio da religião se chegará mais depressa a conseguir a reforma desejavel (pg 59?) esquecer que as necessidades moraes.

Introduza-se nos Indios o desejo de nos imitarem, torne-se uma necessidade entre eles o uso do sal e do acucar, percão o habito de andar nus, que aos poucos entrarão no gremio da cristandade. Antes disso é preciso torna-los inofensivos pela certeza de nosso poder, acompanhada da convicção de que d'ele não abusaremos.

Conclusão

Caes são Exm: V^o Presidente, as informações que julguei de meu dever consignar de um modo amplo e minucioso.

Não pretendendo evitar qualquer malquerença, que me possa resultar por dizer a V. Excia a verdade inteira sem subterfugios, nem rodeios, quando entendo que a lealdade para com o Governo é um dever tão sagrado como a obediencia, rogaria a V. Excia que se dignasse de fazer imprimir meu tosco relatorio, se de sua publicidade pudesse resultar algum bem no conceito de V. Excia. Vi-me na precisão de atacar a ineptia de um Comandante de Prezidio, de revelar o estado deploravel d'essas duas Colônias; de dizer o que e que é o chamado Aldeamento do Jamimbi. Não receio ante quous quer comprometimentos, por que vejo a empresa da navegação do Araguaia seriamente comprometida. Em 1846 um digno antecessor de V. Excia diz na falta da abertura da Assembleia

Provincial "que em cumprimento das ordens Imperiais fundou as margens do rio Araguaia nas imediações de Salinas, uma Aldeia com a denominação de São Joaquim do Jamimmbú." Outro digno antecessor de V. Exa diz em 1849. "A Aldeia de São Joaquim do Jamimmbú em Salinas tem prosperado." Nos relatórios seguintes fala-se neste estabelecimento. Entretanto nas margens do Araguaia não existe tal aldeia, para a qual o Governo de Sua Magestade Imperial faz remessas, levadas por informações inexactas. Fundação-se Prezídios no Araguaia, e no fim de 2 anos, graças a má administração, que tem tido, esses Prezídios não tem meios para subsistir sem reiterados socorros do Governo. Quem como eu sabe quais são os desejos do Governo de Sua Magestade Imperial, não pode sem deslealdade occultar a V. Exa estas tristes verdades que exigem remedios prontos e energicos. O estabelecimento definitiva da navegação do Araguaia sendo um problema difficil, que exige pericia (pg 60.) verança e um complexo de medidas legislativa, e administrativas, não é insolúvel, nem superior as faculdades humanas. Neste sentido tenho consignado n'uma breve memoria, que vou corrigir e que dedico ao Exmo 1.º Ministro do Imperio tudo quanto me parece pertencer ao

lado favoravel e ao lado desfavoravel da questão. Estou persuadido de que a adaptacão das medidas que proponho, com a execucao das ja determinadas pelo Governo de Sua Magestade Imperial darão o resultado que se procura. Entretanto entendo que é indispensavel que se não aceite a verdade e que se não desfigure com informacões lisonjeiras o estado actual da empresa.

Foi este o pensamento que me guiou na redacão d'esta peça.

Suponho que tenha dado todas as informacões que devo, mas se tiver sido omisso, se V. Ex.^a quizer sobre qualquer dos objetos de que trato, informacões mais amplas prontamente cumprirei as ordens que se dignar de dar-me. Deus Guarde a V. Ex.^a 15 de Março de 1832.

= Ill.^{mo} e Exm.^o N.^o Antonio Joaquim da Silva Gomes = Presidente da Provincia
Dr. João Batista de Castro Moraes Antas.
= Capitão do Corpo de Engenheiros.

27 - Cópia = Ill.^{mo} e Exm.^o Sr. - Pelo concurso de causas retardouras de que V. Ex.^a ja tem conhecimento, acho-me no dia de hoje (29 de Outubro) ainda não quite do dever de escolher a localidade para o Presidio de Santa Izabel. Este serviço, e outros que o acompanham, como seja a baldeação do pessoal e do material do Presidio absorverão provavelmente o mez de Novembro. E como em Dezembro não é possível pro-

ceder aos exames que exigem as casoeiras, reduz-se a necessidade de minha presença na de Santa Maria, a escolha de localidade para um Presidio. Ora eu creio que não pode deixar de ser prejudicial a fundação de novas povoações, enquanto as já fundadas não estão habilitadas a marchar sem reiterados socorros do Governo. Tenho portanto deliberado regressar do ponto em que deixar o Presidio de Santa Izabel, supponho que o poderei fazer no dia 1.º de Dezembro. Mas se V. Ex.^{ta} (pg 61) entender em sua sabedoria, que se deve fundar um outro Presidio, eu irei com a força destinada a quarnece-lo, para o que basta que receba as ordens de V. Ex.^{ta} no Presidio Leopoldina, onde poderei estar a 20 de Dezembro. Por modo nenhum desejo que a falta de minha pessoa, onde minha fraca intelligencia occasiona o adiamento de uma medida que pode concorrer para a gloria do Governo de meu país. Estou pronto a ir mostrar o lugar em qualquer mez do anno, e a cuidar n'outros serviços. As reflexões que tenho tido a honra de submeter ao conhecimento de V. Ex.^{ta} procedem da convicção profunda em que estou, de que novos Presidios, quando os dois de 1850 precisão de socorros durante o anno de 1832 serão novos embarços que complicarão

o problema da navegação do Araguaia,
em vez de conspirarem para sua resolução
Deus Guarde a V. Exc.^a A. Conforme D.^o
João Baptista de Castro e Moraes Antas.

Cópia: Ill.^{mo} Sr. Parto para a Capital da
Provincia levando apisar de não pôder
demorar-me no Presidio de seu Coman-
do não só para ajuda-lo mais eficaz-
mente do que o foi, como para mostrar-
-lhe na minha coadjuvação o apreço
em que tenho as suas boas qualidades
Desejo a V. M.^{te} um comando feliz, espe-
ro que com a sua atividade e bons
desejos o Presidio ha de prosperar.
Entre tanto eu julgo dever lhe dizer
alguma coisa para ajuda-lo a
orientar-se no seu importante posto.
Os dois primeiros objetos que V. M.^{te}
deve ter em vista são no meu concei-
to: a cultura em grande das especies
variada que o terreno permitir e a
manutenção da boa intelligencia e ar-
monia em que o deixo com os Indios.
Carajáz. A localidade que escolhi
para o Presidio é a mais vantajosa
que tenho encontrado em cerca de 70
leguas do Araguaia que tenho percorri-
do e examinado: eu a julgo muito
superior a do Presidio Leopoldina, que
se reconhece estar felizmente colocado
onde o deixei. Cumpre porem dizer que
ficando o Presidio, como fica na margem

esquerda do Araguaia, é conveniente aproveitar as boas matas existentes na ilha do Bananal, e que ficam uma a meia legua de distancia, que são as superiores as maximas enchentes, e as ou- (pg 62) tras que ficam na borda do rio com quanto sejam sujeitas a esse mal, todavia contem madeiras preciozas, e podem fornecer otimas terras para plantações em Marco e Abil dos cereais mais importantes. Cumpre-me ainda dizer-lhe que é de muita conveniencia e fazer V. M^{ce} que se vá reconhecendo passo a passo o terreno da margem esquerda, e lhe darei a razão. Devo demarcar para patrimonio do Presidio um quadro de legua e meia de frente com outro tanto de fundo. Deste quadro, e dentro dele se não de tirar sortes para as praças e moradores futuros. É pois necessario que a superficie demarcada seja toda de terreno aproveitavel. Espero vir autorizado a obrar segundo as circunstancias, medindo todo o terreno na terra firme ou so uma parte na terra firme e o mais na Ilha. É por tanto de subida importancia, que os proprios interessados que são os Soldados e os prezos, conheçam o terreno mais perfeitamente do que agora. Sei que V. M^{ce} se acha sem sementes para plantas: já as pedi ao Ex^{mo} Governo, que as ha de remeter com a maior

brevidade e solícitude. Seria porém muito conveniente que V. M.^{ce} recorresse ao expediente que acabo de adotar, de trocar com os Índios da vizinhança algumas sementes, embora este recurso seja pequeno como é.

Volto desta bela e rica região profundamente convencido de que é fácil manter a mais cordial harmonia com os Índios Carajás, e ainda mesmo com os Javaiés, Tapirapés e Chavantes. Creio que destas diversas ordas são os Carajás os mais mansos, porém ao mesmo tempo os mais importunos, por serem os mesmos dados ao trabalho. Todos porém tem iguais direitos a serem por nós poupados e apreciados. Infelizmente eu julgo necessário dizer a V. M.^{ce} que só na sua inteligência eu acho as desejáveis garantias; de que se manterão boas relações com os Índios; por quanto tenho observado com desprazer que se lhes atribuem com muita leviandade intenções pérfidas, e estou persuadido de que nossa gente está ainda muito longe de compreender o alcance de que pode ter um ato precipitado e quiza injusto de nossa parte tomo por tanto a deliberação de aconselhar a V. M.^{ce} que não perca de vista o que já está prescrito no regulamento, e bem assim a consideração de que o Governo de nosso Paiz acredita, e só

confia na efficacia dos (pg 63.) meios
de brandura e persuasão para
Tornar os selvagens inofensivos.

Resta-me dizer-lhe que tomando a
peito a prosperidade dos Presídios, e
certo de que obro segundo as vistas
do Governo vou requizitar tudo quan-
to me parece necessario a bem do
Presidio, e espero que lhe serão forne-
cidos todos os meios de que V. M^{ce} pre-
cisar para desempenhar cabalmente
o seu importante lugar. Deus Guarde
a V. M^{ce}, Presidio de Santa Izabel do
Araguaia 16 de Novembro de 1851. =

J^o Tenente Manoel Heiso de Brito -
Comandante do Presidio de Santa Izabel
D^o João Baptista de Castro Moraes Antas
Capitão do Imperial Corpo de Engenheiro

conforme
O Conego Feliciano José Real Secretario do Governo